

*Ademar Arthur Chioro dos Reis
Yolanda Clavijo Blas*

COLEÇÃO
LIVRE-PENSAR:
ESPIRITISMO PARA O SÉCULO XXI
SÉRIE **1**

Mediunidade: intercâmbio entre dois mundos

Ademar Arthur Chioro dos Reis
Yolanda Clavijo Blas

Mediunidade:
intercâmbio entre dois mundos

COLEÇÃO **LIVRE-PENSAR:**
ESPIRITISMO PARA O SÉCULO XXI



Série **1** - Livro **3**
2021



ORGANIZADORES DA COLEÇÃO:
*Ademar Arthur Chioro dos Reis, Mauro de
Mesquita Spínola e Ricardo de Moraes Nunes*

PROJETO GRÁFICO, CAPA E DIAGRAMAÇÃO:
Magda Zago

REVISÃO ORTOGRÁFICA:
Milton Medran

REVISÃO FINAL:
Wilson Garcia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angelica Ilacqua CRB-8/7057

Chioro dos Reis, Ademar Arthur

Mediunidade: intercâmbio entre dois mundos [livro eletrônico] / Ademar Arthur Chioro dos Reis, Yolanda Clavijo Blas. — [S.l.]: CPDoc; CEPA, 2021.

166 p. (Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI; Série 1; Livro 3 / organizado por Ademar Arthur Chioro dos Reis, Mauro de Mesquita Spínola, Ricardo de Moraes Nunes)

ISBN 978-65-89240-00-6

1. Espiritismo 2. Mediunidade 3. Espírito 4. Kardec, Allan, 1804-1869 - Doutrina I. Título II. Blas, Yolanda Clavijo III. Spínola, Mauro de Mesquita IV. Nunes, Ricardo de Moraes V. Série

20-4260

CDD 133.9

APRESENTAÇÃO

“(…) o livre-pensamento eleva a dignidade do homem; dele faz um ser ativo, inteligente, em lugar de uma máquina de crer”.

Allan Kardec (Revista Espírita, fevereiro, 1867)

A CEPA - Associação Espírita Internacional e o Centro de Pesquisa e Documentação Espírita (CPDoc) têm a honra de apresentar ao público espírita e não espírita a *Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI*.

A primeira série da *Coleção Livre-Pensar* tem por finalidade apresentar, de forma sintética, porém sem prejuízo da precisão conceitual, os posicionamentos teóricos do chamado espiritismo laico e livre-pensador, que tem se desenvolvido em diversos países, nas Américas e na Europa nos últimos anos.

Editada em quatro idiomas - português, espanhol, inglês e francês -, visa a uma divulgação o mais abrangente possível do espiritismo laico e livre-pensador.

Essa perspectiva tem se caracterizado por ser um outro olhar sobre o espiritismo fundado por Allan Kardec em 1857, a partir da publicação de sua obra magistral, *O Livro dos Espíritos*, e de sua institucionalização e popularização em várias regiões do planeta.

À medida que foi se disseminando, o espiritismo submeteu-se a processos de absorção e miscigenação, ao conjunto de saberes e às práticas religiosas e sociais próprias do contexto histórico e cultural de cada país e de cada época.

Em alguns países, como o caso do Brasil, por exemplo, o processo histórico e cultural de feitiço católico encontrado pelo espiritismo resultou na formação de mais uma religião de caráter cristão, em prejuízo dos princípios de racionalidade e livre pensamento propostos por Allan Kardec nos primórdios do espiritismo.

Este fenômeno do sincretismo tem ocorrido com o espiritismo em outros países tornando-o uma religião menor, deslocando-o de seu natural posicionamento epistemológico, e fazendo com que perca seu potencial de abrir perspectivas para o

campo do conhecimento, em especial para as áreas da ciência e da filosofia.

Daí a necessidade, para os espíritas reunidos em torno da CEPA e do CPDoc, de uma releitura do pensamento espírita, na tentativa de resgatar a generosa proposta de Allan Kardec, que buscava construir uma filosofia espiritualista, laica, livre-pensadora, humanista e progressista, características fundamentais para que o espiritismo pudesse acompanhar o progresso do conhecimento, da ética e da espiritualidade no mundo contemporâneo.

A *Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI* pretende, portanto, apresentar ao leitor alguns temas fundamentais do espiritismo sob a perspectiva desta releitura, visando, com isso, ao esclarecimento do público espírita em geral e daqueles que se interessam pela temática espírita.

Apresenta e desenvolve, nesta série 1, um conjunto de temas fundamentais, que permitirão uma compreensão abrangente deste olhar contra-hegemônico ao pensamento predominante nos movimentos espíritas do Brasil e do mundo, sendo que tal olhar está proposto dentro do maior espírito de alteridade possível.

Todos os temas foram desenvolvidos a partir de uma abordagem que procurou a clareza, a concisão

e a precisão, visando trazer informações introdutórias fundamentais sobre o espiritismo e o movimento espírita, na perspectiva laica e livre-pensadora.

A *Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI* tem ainda o objetivo de oferecer aos estudiosos e divulgadores do espiritismo, bem como àqueles que se dedicam à organização de cursos, palestras e coordenação de grupos de estudos, um material de referência e apoio às atividades didáticas realizadas nas associações espíritas em geral.

Acreditamos que esta iniciativa ajudará a contribuir com o sadio debate sobre temas importantes do espiritismo, fazendo com que todos nós possamos amadurecer nossas reflexões sobre esta transcendental filosofia espiritualista fundada por Allan Kardec.

Os autores desta Série I – Temas Fundamentais - da *Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI* são intelectuais originários dos movimentos espíritas da Argentina, Brasil, Espanha, Porto Rico e Venezuela que desenvolveram os temas a seguir:

- **O espiritismo na perspectiva laica e livre-pensadora**

Milton Rubens Medran Moreira (Brasil) e
Salomão Jacob Benchaya (Brasil)

- **A imortalidade da alma**
David Santamaria (Espanha)
- **Mediunidade: intercâmbio entre dois mundos**
Ademar Arthur Chioro dos Reis (Brasil) e
Yolanda Clavijo (Venezuela)
- **Reflexões sobre a ideia de Deus**
Ricardo de Moraes Nunes (Brasil) e Dante López
(Argentina)
- **Reencarnação: um revolucionário paradigma
existencial**
Mauro de Mesquita Spínola (Brasil)
- **A evolução dos espíritos, da matéria e dos
mundos**
Gustavo Molfino (Argentina) e Reinaldo Di Lucia
(Brasil)
- **Espiritismo, ética e moral**
Jacira Jacinto da Silva (Brasil) e Milton Rubens
Medran Moreira (Brasil)
- **Allan Kardec: o fundador do espiritismo**
José Arroyo (Porto Rico) e Matheus Laureano
(Brasil)

O espiritismo, nas palavras do importante escritor e filósofo espírita brasileiro José Herculano Pires, ainda é o “grande desconhecido”. Ainda pairam sobre ele as sombras da incompreensão, que impedem que se veja seu brilho original enquanto proposta filosófica inédita que desvela os horizontes do Espírito sob os parâmetros das conquistas do pensamento moderno, que enfatiza a importância da razão e dos fatos.

A *Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI* pretende, portanto, jogar algumas luzes na proposta filosófica espírita, com a finalidade de aclarar o seu entendimento por parte de espíritas e não espíritas e também com vistas a resgatar seu potencial revolucionário de contribuição para uma nova visão do ser humano e do mundo.

Trata-se de uma tarefa ousada, porém necessária.

Ademar Arthur Chioro dos Reis

Mauro de Mesquita Spínola

Ricardo de Moraes Nunes

Organizadores

CEPA – ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA INTERNACIONAL

Nesta *Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI*, a CEPA se revela nos diversos volumes que compõem a Série 1, que trata dos temas fundamentais do espiritismo, bem como naqueles que seguirão e versarão sobre questões atuais e de igual importância para a vida em sociedade.

A CEPA – Associação Espírita Internacional, nasceu em 1946, na Argentina, fortemente influenciada pela tradição livre-pensadora surgida no movimento espírita espanhol, logo após o advento da Filosofia Espírita na França, em meados do século XIX, sob a direção de Allan Kardec.

Espíritas argentinos, cuja principal característica era a defesa do caráter progressivo, laico e livre-pensador do espiritismo, tiveram papel preponde-

rante na base do pensamento que sempre norteou os integrantes da CEPA.

Desde a sua fundação, a CEPA, inicialmente denominada Confederação Espírita Pan-americana, vem trabalhando pela construção e a consolidação da natureza filosófica e científica do espiritismo, tal como anunciado pelo seu próprio fundador, Allan Kardec.

Como intérprete do espiritismo original, define-o como **“ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal”** e como **“filosofia espiritualista de consequências morais”**.

Sua natureza hoje é de uma Associação Espírita Internacional, integrada por pessoas e instituições espíritas dos diversos continentes. Caracteriza-se por ser um agrupamento de pessoas e instituições em torno do mesmo ideal livre-pensador, que não compactua com organizações verticais e autoritárias no âmbito do movimento espírita.

Os seus principais objetivos são:

- a) promover e difundir o conhecimento do espiritismo, a partir do pensamento de Allan Kardec, sob uma visão laica, livre-pensadora, humanista, progressista e pluralista;
- b) promover e estimular esforços voltados à atualização permanente do espiritismo;

c) promover a integração entre espíritas e instituições espíritas de todos os continentes que se identificam com os mesmos objetivos.

Valorosos estudiosos e pensadores reunidos em torno da CEPA vêm ampliando o alcance da Filosofia Espírita, somando esforços para restabelecer o seu sentido progressista original, lamentavelmente minimizado quando adquire equivocadamente a concepção de uma doutrina religiosa.

O espiritismo, sem adjetivos, é uma filosofia universalista com potencial libertador, motivo do comprometimento da CEPA com seus postulados originais, respeitado o contexto histórico vigente ao tempo do seu nascimento.

A associação de pessoas em torno do estudo do espiritismo, em sua mais lídima expressão, tem servido para o engrandecimento da própria filosofia espírita, que a todos pode servir independentemente de suas crenças e visões de mundo.

Em homenagem ao trabalho e à dedicação dos autores, deixo um convite carinhoso ao leitor para ler e analisar criticamente as contribuições, como um autêntico livre-pensador.

Jacira Jacinto da Silva
Presidente da CEPA

CPDoc – Centro de Pesquisa e Documentação Espírita

O CPDoc é, atualmente, um dos mais antigos centros de pesquisa do espiritismo em funcionamento no Brasil. Seu principal objetivo é o desenvolvimento e a divulgação de estudos e pesquisas com temática espírita, utilizando metodologia adequada para cada tema e contribuições das várias áreas do conhecimento. Busca, assim, contribuir para o aprimoramento do conhecimento como um todo e do espiritismo em particular.

O CPDoc nasceu em Santos (SP) no ano de 1988, fruto do sonho de jovens interessados em incrementar os estudos espíritas. Hoje possui participantes de vários estados brasileiros e de outros países. Os trabalhos são divulgados através de seu portal, em livros, nos órgãos da imprensa e em diversos eventos,

especialmente no Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita e nos Congressos e Conferências da CEPA, entidade à qual aderiu no ano de 1995.

Até o presente momento, o CPDoc tem em seu acervo os seguintes livros publicados ou a publicar:

- **Magnetismo e vitalismo e o pensamento de Kardec**, de Ademar Arthur Chioro dos Reis
- **Um Blues no meio do caminho**, de Paulo Cesar Fernandes
- **Centro espírita: uma revisão estrutural**, de Mauro de Mesquita Spinola
- **Teleco**, de Geraldo Pires de Oliveira
- **Igualdade de direitos e diferença de funções entre o homem e a mulher**, de Marissol Castello Branco
- **Mecanismo da mediunidade: Processo de comunicação mediúcnica**, de Ademar Arthur Chioro dos Reis
- **Criminalidade: educar ou punir**, de Jacira Jacinto da Silva
- **Ensaio sobre o Humanismo Espírita**, de Eugênio Lara
- **Os espíritos falam: Você ouve?**, de Wilson Garcia

- **Doca e o menino - O laço e o silêncio**, de Wilson Garcia
- **Perspectivas contemporâneas da reencarnação (autores diversos)**, organizado por Ademar Arthur Chioro dos Reis e Ricardo de Moraes Nunes
- **Os livros dos espíritos**, de Luís Jorge Lira Neto
- **Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI (autores diversos)**, organizado por Ademar Arthur Chioro dos Reis, Mauro de Mesquita Spinola e Ricardo de Moraes Nunes

O CPDoc possui também uma linha de cursos on-line, que apresenta o espiritismo com visão laica e livre-pensadora, utilizando modernas técnicas de educação a distância.

Todos os interessados em pesquisa podem participar do CPDoc, bastando que conheçam os fundamentos do espiritismo e sejam apresentados por integrantes do grupo.

Informações, trabalhos publicados, eventos promovidos pelo CPDoc e os cursos on-line estão disponíveis no portal do grupo:

<http://www.cpdocespirita.com.br>.

Wilson Garcia
Presidente do CPDoc

PREFÁCIO

Estas são algumas linhas introdutórias para apresentar ao leitor uma obra cujo conteúdo sobre mediunidade foi cuidadosamente elaborado por dois autores com profundo conhecimento do espiritismo, além de um importante acervo acadêmico, são eles a Bacharel Yolanda Clavijo e o doutor em medicina Ademar Arthur Chioro dos Reis.

É um trabalho profundo, que com uma linguagem acessível, fala dessa faculdade que sempre acompanhou o ser humano, e que tem no espiritismo o condutor seguro para não correr o risco de se perder em práticas obscuras e desviantes, em meio a terrenos pantanosos, portanto escorregadios, em que se corre o risco de deslizar sem rumo fixo.

A prática sensata da mediunidade se constitui uma fonte inesgotável de aprendizagem para todos,

pois nos mostra as inúmeras situações com as quais o espírito, uma vez desencarnado, pode encontrar-se. Já que a morte não interrompe a vida; morrer não é a etapa final. Continuamos sendo os mesmos e nos localizamos na faixa vibratória que cada um de nós criou através de nosso contínuo perambular.

Com o exercício da mediunidade abre-se a porta da comunicação com a outra dimensão da vida, mas o espiritismo, codificado por Allan Kardec, após estudos metódicos, análise profunda e, acima de tudo, sempre aplicando o seu enorme bom senso, como expressou Camille Flammarion no discurso que fez diante de seu túmulo: *"Ele foi o que eu simplesmente chamarei de bom senso encarnado"* e que sempre deveria prevalecer em todos como o mais comum dos sentidos, tornou-se a chave mestre para controlar esta porta, para que a sua prática se desenvolvesse de forma responsável e para saber como agir com plena consciência do trabalho que esteja sendo realizado.

Allan Kardec, em *O Livro dos Médiuns*, a obra fundamental para conduzir adequadamente a faculdade mediúnica, enfatiza a grande importância da nossa atitude analítica diante dos fenômenos mediúnicos, para não sermos vítimas de espíritos zombeteiros que apenas desejam alcançar um destaque à custa de qualquer coisa.

O espiritismo é a bússola da mediunidade, pois indica o caminho pelo qual esta faculdade deve percorrer.

Além disso, torna-se uma prática de amor mútuo: oferecemos orientação, sugestões, ferramentas para quem precisa e, por sua vez, nos beneficiamos das experiências alheias que nos enriquecem, chamando a nossa atenção para situações e/ou aspectos da vida que talvez ainda não tenhamos muita clareza. Adicionalmente, com a devida preparação e prática cuidadosa também favorece a oportunidade de estabelecer uma relação com entidades mais instruídas que podem nos fornecer conteúdos adequados para a nossa instrução.

Lembremos o que Léon Denis escreveu sobre esta faculdade: *"A mediunidade é uma flor delicada que para florescer precisa de precauções atentas e cuidados assíduos"*, e se nos permite, acrescentaríamos: e praticá-la com seriedade, constância, lisura, estando cientes do que implica tê-la de forma ostensiva, uma vez que torna quem a possui um intermediário entre os dois planos da vida. Como toda capacidade que o ser humano possui, esta deve ser realizada com total responsabilidade e cuidado.

Afinal, somos todos protagonistas de nossa história, e, ao mesmo tempo, ignorantes dela. Nisso

se enquadra a tarefa de todo espírito encarnado e desencarnado: aprender, trabalhar e fazer tudo o possível para saber como se colocar no lugar do outro em qualquer circunstância da vida. Nós somos os construtores do nosso futuro. Não aprendemos só com a teoria, temos que saber como aplicá-la, e através dos resultados obtidos sempre encontraremos a resposta certa.

Nesta obra o leitor poderá encontrar interessantes abordagens a serem consideradas. Sua leitura levará à tomada de consciência do que somos: espíritos imortais que interagimos constantemente, e que através de inúmeras etapas reencarnatórias poderemos vivenciar todos os processos de aprendizagem que nos sejam necessários, reequilibrando, por sua vez, ações pretéritas, que nos levarão a alcançar a plenitude e, portanto, a tão desejada felicidade.

Pura Argelich

Centro Barcelonês de Cultura Espírita – CBCE

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Executivo da CEPA – Associação Espírita Internacional pelo apoio incondicional ao projeto da Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século 21;

Aos membros do Centro de Pesquisa e Documentação Espírita (CPDoc) pela leitura crítica e sugestões que permitiram qualificar o nosso trabalho;

A Wilson Garcia pela revisão final;

A Milton Rubens Medran Moreira, pela revisão ortográfica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	23
CAPÍTULO 1. A MEDIUNIDADE	27
1.1 O que é a mediunidade? Quem é médium?	27
1.2 Mediunidade estática e dinâmica	29
1.3 Mediunidade e mediunismo	32
1.4 Diferentes potenciais e usos da mediunidade	34
1.5 Classificação da mediunidade	35
1.6 Tipos de manifestações, médiuns e espíritos comunicantes	37
1.7 Animismo e mediunidade	46
1.8 Formação do médium	51
CAPÍTULO 2. O MÉTODO MEDIÚNICO	54
2.1 Mediunidade como princípio básico e método espírita	54
2.2 O método mediúnico	60

CAPÍTULO 3. REUNIÕES E GRUPOS MEDIÚNICOS	65
3.1 Algumas condições para a comunicação mediúnica	65
3.2 Apontamentos sobre as reuniões mediúnicas	70
3.3 Distorções da mediunidade	75
3.4 Consequências da distorção da mediunidade	79
CAPÍTULO 4. MAGNETISMO E MEDIUNIDADE DE CURA	81
CAPÍTULO 5. OBSESSÃO E TRANSTORNOS MENTAIS	96
5.1 Conceito de obsessão	99
5.2 Classificação da obsessão	101
5.3 Causas da obsessão espiritual	105
5.4 Tratamento espírita complementar	108
5.5 Transtornos mentais	115
CAPÍTULO 6. ANÁLISE CRÍTICA DA MEDIUNIDADE	120
CAPÍTULO 7. A MEDIUNIDADE NO SÉCULO XXI	144
CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
INDICAÇÕES DE LEITURAS DE INTERESSE	157
INDICAÇÕES DE SITES DE INTERESSE	157
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	158
SOBRE OS AUTORES	163

INTRODUÇÃO

A vigência medular da obra de Allan Kardec é indiscutível. Não poderíamos falar de espiritismo ou considerar qualquer de seus aspectos em sua ausência. Ele é o ponto de partida; sem dúvida, nenhum pensador espírita atual deveria alimentar a pretensão de que tudo está dito. Questão à parte é revisar a linguagem, as concepções, as teorias expostas, as novas investigações, a interpretação dos princípios básicos para adequá-los ao contexto em que estamos inseridos e aos desafios próprios deste século.

O desenvolvimento do pensamento objetivo é um fato que não pode ser ignorado... Kardec o havia previsto em seus trabalhos. Interessado em estudar e divulgar com a devida seriedade alguns fenômenos humanos pouco conhecidos ou mal explicados, ante a expansão do positivismo, e ele mesmo impregnado

de sua influência, assumiu uma atitude universal, concordante e progressista. Unido à orientação dos espíritos, estruturou um corpo de ideias sobre a base do conhecimento de sua época, da observação, da experimentação, da racionalidade, da lógica e do senso comum e deu forma a uma filosofia espiritualista: a doutrina espírita.

Na intenção que nos alimenta de simplesmente compartilhar uma visão, faz-se necessário insistir em alguns pontos. Enfatizar que espiritismo e mediunidade são dois aspectos pontualmente diferentes: o primeiro é uma doutrina filosófica, a segunda é um fenômeno natural estudado em toda a sua amplitude pela anterior.

A trajetória histórica deste fenômeno remonta à mais distante antiguidade. Em todas as culturas, com suas luzes e sombras, a mediunidade fez parte da civilização humana e, sem dúvida, é a partir de 1857 que surge, integrada ao corpo doutrinário do espiritismo, como um de seus postulados centrais.

O caráter humano, humanista e progressista, insito na filosofia espírita, é um elemento básico para penetrar na compreensão correta do tema mediúnico. As manifestações dos espíritos e as relações entre eles são fenômenos registrados nas

leis naturais e têm lugar independentemente de possuírem ou não seus agentes uma organização biológica. Nada há de sobrenatural na existência, sobrevivência e continuidade da alma ou espírito, como tampouco em sua propriedade para atuar sobre a matéria.

Pelo exposto, em sintonia plena com os ensinamentos kardecistas, permitimo-nos apresentar ao leitor um trabalho conjunto mediante a elaboração de conceitos, considerações que se depreendem deles, generalidades e análises comparativas de diferentes autores. Assim, fundamentamo-nos em experiências práticas que, à luz do momento atual e dentro da racionalidade e ética espírita, são referências adicionais para o exercício responsável da mediunidade.

O diálogo aqui proposto toma como base a obra e o pensamento de Allan Kardec. Pretende-se, a partir de uma visão espírita kardecista, laica e livre-pensadora, identificar e discutir os conceitos fundamentais sobre o tema mediunidade.

Apresentamos esse enfoque em contraponto à forma como a mediunidade é tratada pelo espiritismo religioso e cristão. Há diferenças conceituais e práticas substantivas entre o espiritismo religioso e a visão laica do espiritismo. Sem termos

a pretensão de donos da verdade e, tampouco, de dar conta de todas as dimensões em que esse complexo tema pode ser abordado, convidamos o leitor à análise crítica e judiciosa da mediunidade a partir dos elementos aqui expostos.

1 A MEDIUNIDADE

1.1 O que é a mediunidade? Quem é médium?

As comunicações dos espíritos com os seres encarnados datam de tempos imemoriais e não comportam qualquer interpretação como fatos sobrenaturais, mitos e excentricidades. No processo de intercâmbio com as entidades espirituais é conveniente desenvolver uma compreensão adequada dos termos provindos do vínculo mente-cérebro, tendo em conta a incessante inteiração entre o psiquismo humano e a organização biológica própria ou externa.

Esta questão tem implicações de suma importância. A explicação espírita sustenta que o corpo físico e a alma que o anima estão constituídos por

princípios diferentes, que se relacionam, mas são independentes. O corpo é perecível, a alma, ao contrário, sobrevive. Enquanto o organismo se desagrega após a morte, o espírito conserva sua individualidade e, o que é mais relevante, não perde a consciência de si, nem a possibilidade de relacionar-se com pessoas no plano físico. Ele é a sede das faculdades intelectuais e morais. Nele residem a inteligência e as características psicológicas. Isso nos leva a crer, portanto, que ele pode se comunicar. Tem, também, a capacidade de atuar sobre a matéria, através de um corpo energético, semi-material, que o recobre: o *perispírito*.

O que é o perispírito?

O perispírito é o laço fluídico intermediário entre o espírito e o corpo biológico. Atua como transmissor da vontade do espírito e por sua vez de receptor das sensações que este percebe do exterior. Possui atributos intelectuais; não é a sede da memória, mas o veículo do pensamento.

A palavra *mediunidade* deriva do latim *médium*, que significa intermediário. É a capacidade natural de transmitir mente a mente, valendo-se da estrutura psicofísica (pensamentos, sentimentos e emoções), mediante um mecanismo de afinidade vibratória que

permite o intercâmbio espiritual. O médium, caracterizado por representar outra individualidade que não a sua, é o intermediário ou instrumento que, por meio de um condicionamento particular, estabelece relações e interatua com entidades encarnadas ou desencarnadas, de maneira evidente, clara e verificável.

A este respeito, Kardec diz em *O Livro dos Médiuns* (questão 159):

"Toda pessoa que sente a influência dos Espíritos, em qualquer grau de intensidade, é médium. Essa faculdade é inerente ao homem. Por isso mesmo não constitui privilégio e são raras as pessoas que não a possuem pelo menos em estado rudimentar. Pode-se dizer, pois, que todos são mais ou menos médiuns (...)"¹ (p. 181)

Dos resultados experimentais se conclui que essa faculdade, embora natural em todos os seres humanos, é mais ou menos variável em cada indivíduo. Neste sentido, reserva-se a classificação de médium àqueles que demonstram essa capacidade de forma ostensiva, frequente e de certa intensidade.

1.2 Mediunidade estática e dinâmica

Alguns estudiosos, entre os quais o Eng. W. J. Crawford, estabeleceram, com o propósito de ser mais explícitos, duas divisões: *mediunidade estática*

e *mediunidade dinâmica*. A *mediunidade estática* se atribui aos que apresentam manifestações dos espíritos eventualmente, mediante percepções ligeiras, vidências ocasionais, premonições esporádicas devido a uma natural disposição do espírito que lhe permite expandir-se, projetar-se e ter relações com outros espíritos.



W. J. Crawford
(1881-1920)

*Investigador
no campo da
fenomenologia
psíquica de
efeitos físicos*

Professor de engenharia mecânica da Universidade Queen's de Belfast, na Irlanda, por meio da utilização de balanças produziu evidências de que a translação e a levitação de objetos e os "raps" são produzidos por "estruturas psíquicas" que emanam do corpo do médium. Provou que o médium perde massa à medida que há exteriorização do ectoplasma, mas com recuperação parcial ao término dos fenômenos. Evidenciou em suas pesquisas que os assistentes contribuem com alguns gramas de massa corpórea para a produção do ectoplasma.

*Para saber mais acesse:
<http://www.bvespirita.com> (Biografias - William Jackson Crawford)*

A *mediunidade dinâmica*, por outro lado, consiste em manifestações regulares de fenômenos de captação, abordagens, desdobramentos, superposição do perispírito da entidade comunicante à do

médium, ocasionando diferentes tipos de comunicações. Essa mesma conceituação foi adotada, posteriormente, pelo filósofo espírita brasileiro José Herculano Pires.²

Durante o período prévio à sistematização do espiritismo, era prática usual fazerem-se perguntas triviais aos espíritos. A mediunidade e o papel do médium, entretanto, passaram a adquirir hierarquia ética a partir do momento em que o contato com as inteligências desencarnadas começou a privilegiar temas de controvérsia humana, social, moral, filosófica e científica.

Devemos reconhecer que Kardec deu ao fenômeno mediúnico, com o auxílio dos espíritos, uma reorientação ampla, retirando dele o caráter sobrenatural, milagroso e mágico-religioso que lhe fora conferido, para colocá-lo, mediante a experimentação séria e racionalista, no campo das leis naturais.

O Dr. Gustavo Geley, autoridade científica quanto à investigação mediúnica, citava:

*"Gostaria de deixar assentado que não existem coisas supranormais, como não há sobrenaturais nem incognoscíveis; e que a aparência maravilhosa, misteriosa e contraditória dos fenômenos metapsíquicos provém, unicamente, de nossa ignorância e de nosso desconhecimento das leis primordiais e essenciais da vida."*³



Gustavo Geley
(1868-1924)

Gustavo Geley nasceu em 13 de abril de 1868, em Montceau-les-Mines (França) e morreu na Polônia em 14 de julho de 1924. Médico de profissão, pesquisador dos fenômenos psíquicos e mediúnicos. Estudioso do processo reencarnatório ou vidas sucessivas.

1.3 Mediunidade e mediunismo

Sem dúvida, o desconhecimento a que se referia Geley e o desejo de manter as manifestações dos espíritos inseridas num contexto sincrético, primitivo, denominado também mediunismo são obstáculos que o espiritismo ainda encontra para que, dentro de valores positivos, a mediunidade seja uma ferramenta efetiva para o conhecimento e auxílio ao próximo.

O filósofo espírita J. Herculano Pires indica diferenças substantivas entre mediunismo e mediunidade dispostas no quadro a seguir:

Principais diferenças entre mediunismo e mediunidade

MEDIUNISMO

- ✓ Não existe espaço para a reflexão sobre os fenômenos, seu sentido e natureza.
- ✓ Aceitação dos fatos sem raciocínio.
- ✓ Absorve a herança mágica do passado e mescla com religiões, crenças e superstições de toda espécie.

MEDIUNIDADE

- ✓ Não aceita infiltrações que possam prejudicar sua natureza racional e comprometer seu desenvolvimento natural.
- ✓ Integrada à estrutura do espiritismo, que a estuda e investiga através de suas instituições culturais e científicas.
- ✓ Não está relacionada a práticas religiosas, sincréticas, ritualísticas ou místicas.

Fonte: Pires, JH, 1980, pp.43-48.

Igualmente, outros fatos, tais como o charlatanismo, o mercantilismo e o fanatismo cuidam de empanar os objetivos pedagógicos e enaltecendo a prática da mediunidade sob princípios de responsabilidade e ética. Sem dúvida alguma, esse cenário gera uma distorção completa não apenas dos objetivos reais do trabalho mediúnico, senão que afeta de maneira notável a credibilidade das instituições espíritas e dos que a moldam.

1.4 Diferentes potenciais e usos da mediunidade

Para além da dimensão fenomenológica, a mais importante finalidade da mediunidade é a de produzir evidências sobre a sobrevivência e imortalidade da alma. Mas a mediunidade é, também, um método de estudo, pesquisa, produção de conhecimento, que pode e deve ser um importante dispositivo para atualização do próprio espiritismo.

O intercâmbio entre o mundo material e espiritual permite, ainda, produzir relevantes e objetivos conhecimentos sobre o que acontece com a alma após a morte do corpo físico, proporcionando uma nova e amplificada visão sobre o que se denomina mundo dos espíritos.

Em decorrência das relações que se estabelecem a partir do intercâmbio mediúnico, é possível apoiar, por meio da mediunidade, espíritos desencarnados em situação de sofrimentos psíquico/moral, assim como contar com o apoio dos espíritos mais evoluídos no suporte aos sofrimentos e aflições vivenciados pelos encarnados.

Existe produção literária suficiente, séria e atualizada, bem como investigações de campo que ao longo do tempo deixaram bem definidos os objetivos

da mediunidade com base em ensinamentos kardecistas e que, portanto, podem ser assim sintetizadas:

- a) comprovação da preexistência, existência e sobrevivência do espírito;
- b) produção e atualização de conhecimentos;
- c) conforto a familiares que perderam fisicamente entes queridos;
- d) orientação a espíritos sofredores ou obsessores;
- e) ações terapêuticas;
- f) educação mediúnica e desenvolvimento de faculdades.

1.5 Classificação da mediunidade

O estudo e o exame atento dos fatos nos permitem reafirmar os distintos estados modificados de consciência que observamos nos médiuns no momento em que ocorrem as manifestações dos espíritos. Eles possuem relação com o menor ou maior grau de profundidade do transe mediúnico, os quais podemos descrever da seguinte forma:

- a) **consciente**: estado de vigília ou leve letargia, originado por não se perceber estímulos visuais e prévio relaxamento em que o médium, através de formas verbais pertencentes ao seu acervo, transmite a mensagem da entidade comunicante e se lembra quase totalmente de seu conteúdo;

- b) **semiconsciente**: estado de transe de média intensidade observado com maior frequência em médiuns que comumente não se lembram em sua totalidade da mensagem recebida da entidade comunicante e apenas de maneira confusa conseguem compreender o que ocorre com a manifestação e suas próprias reações mentais e físicas. Em sua totalidade, as expressões e gesticulações correspondem ao espírito. É pequena a interferência da mente do intermediário, distorcendo levemente a linguagem e os tons emocionais;
- c) **inconsciente**: o estado de emancipação da alma ou profundidade do transe é quase total, a interferência dos conteúdos psíquicos do médium é mínima com respeito aos da entidade comunicante que, mediante a superposição de seu perispírito, consegue durante a manifestação controlar os centros nervosos e obnubilar a consciência de quem serve de intermediário.

Kardec denominou como **mecânicos** os médiuns dos quais se servem os espíritos como autênticas ferramentas, pela profundidade do transe em que se encontram no momento da manifestação. Quando as entidades utilizam os intermediários, mas a inibição da consciência é parcial, chamou-os de **semimecânicos**.

Estudos recentes⁴, todavia, indicam que o grau de interferência do médium no teor de uma comunicação independe do estado de profundidade do transe, podendo estar mais diretamente relacionado à justaposição entre o médium e o espírito comunicante durante a comunicação. Trata-se de uma situação peculiar e característica da mediunidade: a interferência do médium é parte natural e constitutiva do processo de comunicação mediúcnica, ou seja, não há uma comunicação que possa ser considerada “pura” ou destituída de algum grau – maior ou menor – de participação do médium. Aliás, Allan Kardec foi convencido disso pelos espíritos, conforme se depara em *O Livro dos Médiuns*.

1.6 Tipos de manifestações, médiuns e espíritos comunicantes

Kardec classificou os principais tipos de manifestações espíritas como físicas e inteligentes.

As manifestações de efeito físico ou objetivas estão relacionadas à possibilidade de ver espíritos, escutá-los ou perceber efeitos por eles produzidos (mesas girantes ou falantes, ruídos, golpes, poltergeist, traslado de objetos, materializações, aportes, transfiguração, levitações, curas, voz e escrita direta).

Embora menos frequentes no presente, deduz-se que cumpriram seu objetivo no século XIX de chamar a atenção e dar início ao movimento denominado Espiritualismo Moderno.

VOCÊ SABIA?

Em Hydesville, um povoado do Estado de Nova York em 1848, teve início de forma sistemática uma série de manifestações mediúnicas através das irmãs Fox, Margarete e Catarina, que serviam de intermediárias para transmitir as mensagens dos espíritos. Foram denominadas nessa época de fenômenos das mesas girantes e falantes.



Para saber mais, remetemos o leitor ao livro História do Espiritismo, de Arthur Conan Doyle.⁵

Depois dessas manifestações primárias, o progresso do ser humano “em geral” e o início das investigações avançariam para formas de **comunicação inteligente**, mais complexas, onde intervêm os aspectos psicológicos, subjetivos ou de **efeitos intelectuais**, que podem ser classificadas como mediunidade:

- **falante** ou **psicofônica**, através da qual o espírito comunicante projeta sua energia no

córtex cerebral do médium, afetando sua sensibilidade e, utilizando seus órgãos vocais, estabelece um diálogo com outra pessoa;

- **vidência**, que faculta ao médium a capacidade de ver os espíritos;
- **escrevente ou psicográfica**, na qual podem distinguir-se três variantes: na primeira, o espírito controla a mão do médium inconsciente; na segunda, o espírito dirige a mão do médium, mas este é consciente do que escreve e, por último, o espírito tem o domínio da alma do médium e, mediante a intuição ou inspiração, escreve o que percebe da entidade comunicante;
- **auditiva**, que faculta ao médium a capacidade de ouvir os espíritos;
- **intuitiva**, na qual o médium em estado consciente capta através do pensamento a informação que o espírito transmite e tem como variante a de inspiração.

Estes são os distintos tipos de mediunidade inteligente que observamos atualmente. Outras modalidades de manifestações mediúnicas mais raras podem ser observadas, como a xenoglossia, quando o médium fala um idioma distinto e desconhecido, e a xenografia, quando escreve em um idioma que ele desconhece.

Embora haja uma classificação extensa da diversidade de médiuns que apresentam atitudes distintas, qualidades, simpatias ou afinidades e gêneros, todas estão circunscritas em torno dos médiuns naturais ou involuntários, facultativos ou voluntários, além de vinculadas às citadas anteriormente.

PARA SABER MAIS:

Ao leitor interessado em um maior aprofundamento sobre as manifestações espíritas, os diferentes tipos de mediunidade e de médiuns e a natureza das comunicações, que serão discutidas a seguir, indicamos a leitura dos capítulos XVI e XVII da segunda parte de *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec.

A natureza das comunicações recebidas dos espíritos ou de seres encarnados ratifica a escala espírita proposta por Kardec quanto à variação do conhecimento ou ignorância das entidades que ali intervêm, fruto do nível evolutivo alcançado. Com respeito às comunicações recebidas dos seres que possuem corpo físico, por momentos sua alma se projeta também mediante estados de sonolência, letargia ou sono, recuperando relativamente sua liberdade, para manifestar-se através dos médiuns nas mesas de trabalho mediúnico.

Hoje, resulta desnecessário qualificar os espíritos comunicantes de maus ou bons. Basta saber que essa classificação realizada no século XIX está determinada pelos pensamentos inferiores ou elevados; pelos atos errados ou valorizados positivamente; ou pelo desenvolvimento maior ou menor dos sentimentos, expressões todas relacionadas com o progresso intelecto-moral do espírito.

Sem dúvida, é uma prioridade conhecer a fundo o conjunto de elementos que compõem sua reação psicológica para compreender com quais seres estamos tratando, dependendo do objetivo pelo qual são evocados ou se apresentam voluntariamente. Embora a lei de afinidade desempenhe o papel mais importante não apenas durante o fato mediúnico, senão praticamente em tudo o que significa o desenvolvimento cotidiano dos indivíduos, atraímos e repelimos as entidades espirituais de acordo com a sintonia vibratória. Outros fatores, como o ambiente, a intenção, a vontade, as energias são, igualmente, acessórios da comunicação mediúnica. Em consequência, é preciso manter estrita vigilância dos processos psicológicos das entidades a manifestarem-se, levando em conta condutas, ideias, emoções, linguagem e frequência vibratória, fatores indispensáveis à sua identificação.

Os espíritos de maior atraso intelectual e moral; violentos, agressivos, vulgares, propensos ao material, promotores de enganos e motivados pelos mais baixos sentimentos, nos quais predominam a maldade e a aleivosia, pululam, apegados sempre ao plano terrestre. Se vão se apresentar em reuniões espíritas, em sua maioria estão relacionados com processos obsessivos.

Daí em diante, com uma variedade de matizes em forma ascendente não linear, com seus altos e baixos, uma gama de espíritos recorre à escala do progresso rumo ao aperfeiçoamento.

Desde zombeteiros, maliciosos, intrometidos, ignorantes, que se divertem causando inconvenientes e grosserias, passando por aquelas entidades indiferentes a quem tanto faz agir positivamente ou de modo negativo, com tendências a permanecer por desejo próprio próximos ao plano físico, até os que se atribuem uma suposta sabedoria que não possuem, especialmente conteúdos psíquicos ainda presentes em sua estadia como encarnados, todos formam parte do grande concerto de entidades que trabalham em seu desenvolvimento evolutivo. Seguem nesta ordem os barulhentos ou perturbadores, hoje praticamente ausentes nas manifestações espíritas, sem que isso signifique o desaparecimento total deste tipo de fenômenos.

Por último, nessa escala progressiva, espíritos mais avançados que contextualizamos entre os de maior consciência (nobres, superiores e os que alcançaram, em comparação com os anteriores, o aperfeiçoamento absoluto, moral e intelectual) completam a hierarquia dos seres que povoam o mundo espiritual e que nos orientam, para não sermos enganados com frequência, a submeter as comunicações ao filtro da lógica e da razão.

A proposta kardecista da escala espírita consta de três ordens e dez classes:⁶

- **terceira ordem:** espíritos imperfeitos em que predomina a matéria sobre o espírito (impuros, frívolos, pseudos-sábios, neutros e perturbadores);
- **segunda ordem:** espíritos que direcionam suas ações ao bem e alcançaram um nível evolutivo maior (benévolos, sábios, prudentes e superiores);
- **primeira ordem:** espíritos puros, que alcançaram o maior grau de progresso espiritual.

Kardec não era simples secretário dos espíritos. Além de criar todo um sistema de pensamento, realizou um trabalho minucioso no estudo complexo das diferentes personalidades que se apresentavam nas

reuniões mediúnicas, com o objetivo de oferecer certas medidas que minimizam enganos, burlas, frivolidades ou a presença de entidades inescrupulosas e de escasso conhecimento, evitar mistificações e distinguir o animismo da mediunidade. Isso lhe permitiu elaborar um método para identificar os espíritos, que não comporta ambivalências nem possíveis tergiversações, além de conservar sua plena vigência.

Submeter a exame as comunicações, analisar as ideias, as expressões, a intenção, penetrar no mais profundo da alma humana, racionalizando cada conteúdo psíquico manifestado conduz à **necessária evolução**, para rechaçar tudo o que careça de lógica e bom senso.

O **conteúdo da mensagem**, a linguagem e sua qualidade representam um valor superior, do que se deduz o nível dos espíritos que se manifestam de acordo com o grau de evolução. Isso, por sua vez, nos permite sua identificação e leva a ter uma ideia, se não absoluta, muito próxima da realidade mediante a **escala espírita**, daí a importância de seu estudo.

Outro elemento fundamental seria o **princípio de concordância**, necessário para, uma vez que as informações fornecidas por um espírito tenham sido admitidas como sérias, validar outras, dadas por diferentes espíritos, através de diferentes médiuns, não

vinculados entre si e provenientes de vários lugares, de preferência de reuniões mediúnicas de centros espíritas que, mesmo distantes, utilizem idêntico método analítico e reflexivo, a respeito do qual iremos nos ocupar mais aprofundadamente, no próximo capítulo.

Familiares e amigos, orientadores, obsessores ou perturbados, uma gama de espíritos todos eles errantes, de desenvolvimento intelectual e moral diversificado, com distintas tendências, atitudes, preferências e sentimentos se aproximam dos médiuns mais afins. Uns em busca de ajuda pela compreensão de seu novo estado; outros para consolar familiares afetados pela perda física do ser amado; os mais adiantados com a finalidade de conscientizar sobre as realidades espirituais que contribuam com o progresso do ser humano, além de aportar conhecimentos em matéria científica, literária, histórica, filosófica. Por último, seres obsedados em busca de vingança em sua maioria, que, com ânsia de justiça, buscam equivocadamente cobrar por si mesmos a falta cometida, seja desta ou de outra existência, sem que isso seja um indicador de inferioridade moral por parte do médium.

Em resumo: além do exposto como proposta de base kardecista a ser seguida, ressalte-se a indispensável necessidade de evolução com sentido crí-

tico, método, formação, observação, raciocínio, disciplina, desenvolvimento de sentimentos altruístas, sensatez, prudência e humildade. São, todas, formas ineludíveis de contestar o desvio da prática mediúnica não comprometida com comportamentos racionais e responsáveis.



Ernesto Bozzano
(1862-1943)

O italiano Ernesto Bozzano foi um dos mais destacados pesquisadores dos fenômenos mediúnicos e anímicos. Você pode ler mais sobre o tema em muitas obras publicadas por este pesquisador genovês, entre as quais "*Delle comunicazioni medianiche tra viventi*" ("*Comunicações mediúnicas entre vivos*"),⁷ de 1927 e *Animismo ou Spiritismo*,⁸ publicada em 1938.

1.7 Animismo e mediunidade

Ânima ou alma em sentido geral implica no entendimento de que tudo está animado ou possui alma. É um conceito muito amplo e o emprego do mesmo está na razão do contexto em que estiver inserido.

Na doutrina espírita, utiliza-se o termo animismo para identificar a manifestação causada pelo próprio espírito do médium, o qual ao inibir sua consciência tem acesso aos conteúdos psíquicos de seu acervo. Neste caso, o sensitivo não representa uma

personalidade distinta da sua, mas expressa como intermediário de si mesmo o produto de seus pensamentos, sentimentos e emoções. Na origem do fato mediúnicos encontramos a diferença, porquanto a responsabilidade do fenômeno pertence a uma entidade espiritual distinta, provinda de corpo físico ou não. Ambos são variantes das potencialidades da mente do ser humano.

O fato anímico tem lugar durante certos estados modificados da consciência, em que se podem gerar experiências intelectuais e de efeitos físicos. Kardec o reconhece como emancipação da alma e no *Livro dos Médiuns* a ele se refere da maneira seguinte: “A alma do médium pode comunicar-se como a de outro qualquer; se goza de certo grau de liberdade, recobra suas qualidades de Espírito”.¹ (cap. XIX, 243, p. 249).

Nesse sentido, com os trabalhos do investigador Alexander Aksakof, no campo do espiritismo experimental, é possível reconhecer que os fenômenos psíquicos podem ser causados tanto pelos seres encarnados como por espíritos.

No ambiente espírita, é indispensável o estudo destes temas para determinar quando se trata de uma manifestação anímica, mediúnica, mistificação ou fraude. Animismo não é sinônimo de fraude ou de mistificação. Como já registramos, no fato



**Alexander
Aksakof**
(1832 - 1903)

Escritor, editor, tradutor e jornalista russo, investigador psíquico a quem se atribui haver cunhado o termo telecinese. É considerado um dos primeiros organizadores das sessões mediúnicas na Rússia. Pesquisou com profundidade as faculdades das renomadas médiuns Eusápia Paladino e Elizabete d'Esperance, entre outros. Não deixe de ler sua obra *Animismo e espiritismo*.⁹

anímico a exteriorização das forças mentais do médium é o que produz os fenômenos, sem que esteja ele consciente da situação.

A fraude, sem dúvida, é um ato deliberado de produzir supostas manifestações de espíritos sem a presença deles, realizado com a finalidade de enganar, seja por não produzir fenômenos no momento da experimentação ou porque foi premeditada a intenção de embuste.

Na mistificação, a entidade comunicante usurpa a identidade de outro espírito, fingindo ser quem não é. Com frequência, neste último caso, se apresentam impostores com nomes retumbantes, assumindo personalidades de celebridades do mundo da arte, da filosofia, da história, entre outros, os quais são descobertos por dirigentes com expertise que orientam as práticas da mediunidade.

Nem toda a pessoa com aptidão para expressar sua potência psíquica, dando lugar a manifestações de seu psiquismo, será necessariamente médium, no sentido mais pontual do termo. Entretanto, na maioria dos casos, o desenvolvimento da mediunidade foi precedido por experiências anímicas.

Entre os principais fenômenos produzidos pelas forças do inconsciente do ser humano encarnado sem a participação de entidades espirituais se encontram:

- a **telepatia** ou transmissão do pensamento;
- a **clarividência** ou captação mediante a visão extrafísica de um acontecimento objetivo que ocorre ao mesmo tempo que o fato, independente da distância e do lugar.
- a **clariaudiência** ou percepção à distância por meio da audição extrassensorial de eventos também objetivos;
- a **precognição** ou **predição** de eventos futuros, que tem como variante a retrocognição ou conhecimento de eventos pretéritos ocorridos em um passado próximo ou remoto, mas que eram, antes, desconhecida do sujeito sensível;
- a **psicocinesia** ou ação da mente para mover e transportar objetos ou interferir em um sistema físico.

Outro conjunto de fatos anímicos muito grande produzidos pelo psiquismo humano é estudado pela

parapsicologia. O autor espírita Jon Aizpúrua, em sua obra *Fundamentos do Espiritismo*¹⁰, os divide em quatro grupos, incluindo os de caráter mediúnico e anímico, que se explicam de forma detalhada para maior compreensão.

Classificação dos fenômenos paranormais¹⁰

- **Parapsíquicos:** vinculados aos processos cognitivos (telepatia, clarividência, clariaudiência, hialoscopia, autoscopia-heteroscopia, psicodiagnose, radiestesia, precognição, desdobramento).
- **Parafísicos:** influências paranormais que exercem efeitos tangíveis sobre a realidade física (psicocinesia-telecinesia, levitação, aporte, poltergeist, vozes eletrônicas, psicofotografia, kirliangrafia).
- **Parabiológicos:** manifestações físicas e psíquicas exercidas sobre seres vivos, que provocam modificação em sua constituição ou funcionamento (hiperestesias, visão dermo-ótica, cenestesia, biopausa, transfiguração, prosopopese, paraterapias, parapsicologia animal ou vegetal).
- **Paratanáticos:** fatos provocados por seres desencarnados ou que envolvam alguma forma de sobrevivência depois da morte (memória extracerebral, vida depois da morte, mediunidade).

Fonte: Aizpúrua, J. (2000, pp. 282-287).

1.8 Formação do médium

A educação integral do médium, em especial, cobra um valor significativo a ser levado em conta. A necessária leitura e análise profunda da obra espírita; a ampliação do acervo cultural; a compreensão acerca das expressões psicológicas, físicas e de conduta, indicativos de alguma capacidade mediú-nica; assim como o desinteresse pecuniário ou retribuição de qualquer outra índole; o indispensável objetivo superior das reuniões às quais se assiste e a orientação das faculdades no sentido positivo, formam parte de um conjunto de aprendizagens que os médiuns hão de internalizar para não serem com frequência objetos de enganos, fraudes e evitar sofrer alterações de seu psiquismo.

Adicionados ao anterior, os pensamentos enal-tecedores mais o desenvolvimento dos sentimentos e a imprescindível serenidade, disciplina, paciência, sensatez, constância e humildade, são garantia do fato mediúnico harmônico, elementos essenciais que, no contexto das comunicações com os espíritos, hão de adquirir e otimizar os intermediários entre ambos os planos (material e espiritual) com vistas a educar suas faculdades do ponto de vista ético e responsável.

Particular atenção deve-se dar aos médiuns durante as primeiras experiências, nas quais por um bom período não se obtém maiores resultados e apenas espíritos atrasados (burlões, frívolos, perversos) se apresentam através de manifestações banais, sem valor, inconvenientes e às vezes irresponsáveis. Os médiuns formados reconhecem que espíritos com certo grau de progresso fazem uso do recurso da generalização ao dirigir-se a todos os presentes e não individualizam quando realizam exortações do tipo moral, não impõem suas ideias. Suas dissertações são resumidas, precisas e prudentes. Não existem em suas expressões ambivalências que possam gerar dúvidas, nem interrogações, juízos ou questionamentos.

Imprescindíveis, ainda: o domínio completo de si mesmo para aceitar ou não a influência dos espíritos, inclusive rechaçar expressões e palavras soezes ou injuriosas; a defesa permanente contra a adulação e elogios; o discernimento natural da qualidade dos espíritos que se aproximam pelas impressões de sua presença, linguagem, vibrações ou conduta em geral; além de aceitar o contato espiritual apenas quando existem condições favoráveis, ter claro de que o médium é quem dirige sua faculdade, pelo que não deve ser tomado sem prévia aceitação ou predisposição adequada.

São, ainda, requisitos indispensáveis: seguir as orientações do diretor antes, durante e para concluir o transe; manter-se sereno e estável durante o processo de comunicação; recuperar com normalidade seu estado de consciência; evitar algazarras, gritos, golpes com pés e mãos, barulhos, contorcimentos, respiração brusca; aceitação dos próprios erros; desenvolvimento da autocrítica não exagerada; abstenção de suscetibilidades ante indicações ou observações por parte do diretor; interesse real no crescimento pessoal; reconhecimento de que o médium é responsável pelas manifestações que transmite. São, todas, condições que a educação mediúnica de base kardecista propõe com o objetivo de erradicar práticas que colocam sob suspeição a doutrina espírita.



2 O MÉTODO MEDIÚNICO

2.1 Mediunidade como princípio básico e método espírita

Allan Kardec, ao tomar contato com os fenômenos mediúnicos, logo percebeu a gravidade e a potência de seu uso, dando-lhes finalidades e usos muito bem definidos. Foi por meio da mediunidade, enquanto método de investigação dos fenômenos espirituais, que os fundamentos do espiritismo foram alicerçados.

Do ponto de vista prático, tal rigor metodológico também foi adotado na organização das atividades mediúnicas da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE), por ele fundada em janeiro de 1858.

Kardec compreendia que a mediunidade era uma forma potente de desvendar os mistérios da

vida e trazer luzes às grandes indagações filosóficas, permitindo ainda traduzir em leis naturais aquilo que até então era considerado como domínio do irracional e do sobrenatural. Para ele, a mediunidade era fundamentalmente um dispositivo para a produção de conhecimentos, capaz de alargar a compreensão do homem e do mundo sobre a existência corpórea, o destino da alma após a morte do corpo físico e as relações que se estabelecem entre os mundos material e espiritual.

Quando publicou a primeira edição de *O Livro dos Médiuns*, em 15 de janeiro de 1861, em Paris, tinha a explícita intenção de oferecer aos estudiosos e praticantes da mediunidade um “guia para os médiuns e evocadores”, para que pudessem dar-lhe tratamento sério e com fundamentos científicos.

Contrapunha-se, dessa forma, à visão da maioria, que até então lidava com os fenômenos mediúnicos por mera curiosidade, pois se tratava de uma novidade, um passatempo, uma frivolidade, uma brincadeira para passar o tempo nos salões de chá, disseminada por toda a Europa a partir do fenômeno das mesas girantes.¹¹ Kardec procurou compartilhar o acúmulo obtido a partir da experimentação que desenvolveu desde 1855, quando entrou em contato pela primeira vez com as mesas girantes e a escrita

direta. Queria que os ensinamentos teórico-práticos aprendidos a partir da observação sistemática dos fenômenos mediúnicos e da relação que estabeleceu com os espíritos pudesse ser disseminado e compreendido como base metodológica para uma filosofia científica. Ou seja, um método que desse sustentação racional para uma nova filosofia espiritualista, que chamou de espiritismo, erigida a partir da experimentação e do uso do método racional.

Nesta fase do espiritismo experimental, segundo suas palavras, tinha o objetivo de produzir “(...) *teoria sobre todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, e o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os tropeços que se podem encontrar na prática do Espiritismo*”.¹²

Procurou esclarecer, assim, todas as questões que se ligavam à prática das manifestações. A importância desta obra, para ele – e do método ali contido – era não apenas o de explorar todos os meandros da mediunidade, mas também diminuir a decepção com a mistificação e ensinar meios de descobrir a astúcia dos espíritos enganadores, de médiuns devotados ao charlatanismo e prestidigitação, alertar para os inconvenientes e perigos da mediunidade, da obsessão e de suas variantes.

Para ele, *O Livro dos Médiuns*, fruto da longa experiência e da dedicação ao estudo da mediunidade, era um complemento do *Livro dos Espíritos*, que continha a parte filosófica, enquanto a nova obra encerraria a parte experimental da doutrina.

Os espíritos ofertaram a Kardec a explicação teórica dos diversos fenômenos e as condições em que os mesmos podiam se reproduzir.

Por seu lado, o fundador do espiritismo tratou de formular o conjunto de princípios necessários para o desenvolvimento e o exercício da mediunidade. Logo percebeu e destacou as dificuldades do espiritismo experimental, os motivos de decepções, os inconvenientes originados pela leviandade.

Entretanto, para além dos fenômenos em si, o que de mais importante pôde constatar a partir da experimentação – e que firmou como princípio fundamental do espiritismo – foi que as comunicações eram produzidas pelas almas dos que viveram na Terra. Postulou assim, de uma só vez, duas formulações essenciais.

A primeira e mais importante, a evidência sobre a sobrevivência e imortalidade da alma. A segunda, a de que era possível estabelecer a comunicação entre os seres que vivem nos mundos material e espiritual,

ou seja, em diferentes planos existenciais. Fez isso, todavia, de um jeito totalmente singular, diferente do que se conhecia até então, tratando tal relação como fato natural, racional e cognoscível, uma transformação excepcional, dado que se restringia a tema exclusivo da ordem da religião, do irracional e do sobrenatural.

Ao tratar de forma grave e sistemática tais fenômenos, a partir dos ditames das ciências filosóficas desenvolvidas à época na França¹³, elevou a outro patamar aquilo que vinha sendo abordado até então como um joguete nos salões parisienses e europeus, dando-lhe status de uma nova filosofia espiritualista, produzida a partir da experimentação.

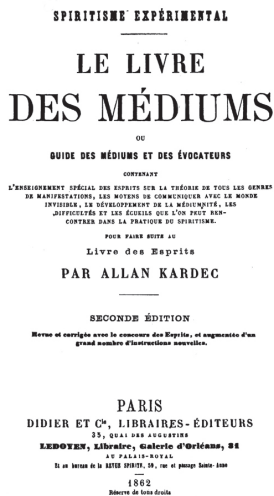
É neste sentido que a mediunidade é, ao mesmo tempo, um dos princípios do espiritismo e o método pelo qual se estabeleceu o arcabouço doutrinário espírita.

A segunda e definitiva edição do *Livro dos Médiuns*,¹⁴ publicada em 1862, mais completa, trouxe numerosas instruções e novos capítulos, concernentes aos médiuns, à identidade dos espíritos, às contradições, aos meios de discernir entre os bons e maus espíritos, à formação de reuniões mediúnicas e às fraudes em matéria de espiritismo. Foram adi-

cionadas também várias comunicações apócrifas, acompanhadas de observações para descobrir a fraude. Segundo Kardec, os espíritos reviram a obra inteira e deram novas contribuições.

Deve ser destacada a dimensão que essa obra atingiu. As polêmicas com a Igreja foram substantivas e tiveram grande repercussão pública, em particular a partir dos ataques efetuados contra Kardec e o espiritismo por meio de *La Bibliographie Catholique* e a publicação de livros e artigos. **O Auto**

de Fé de Barcelona, que resultou na queima de centenas de obras espíritas, ordenadas pela Igreja Católica, retrata o ambiente adverso em que se deu a consolidação da doutrina espírita.



*Frontispício do Livro
dos Médiams
2ª. Edição, 1862*

VOCÊ SABIA?

O Auto de fé de Barcelona foi uma expressão cunhada por Kardec para se referir à queima, em praça pública, de 300 livros espíritas, realizada em 9 de outubro de 1861.

Maurice Lachâtre, editor francês, estabelecido em Barcelona com uma livraria, solicitou a Kardec livros espíritas para vendê-los na Espanha, apreendidos na alfândega, por ordem do Bispo de Barcelona, Antonio Palau Termes (1857–1862), sob a alegação de que *“A Igreja católica é universal; e sendo estes livros contrários à fé católica, o governo não pode consentir que venham pervertera moral e a religião de outros países.”*¹⁵ (466)

Foram queimados livros de Kardec (*Revista Espírita*, *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* e *O que é o Espiritismo*), além de títulos de outros autores.

Para saber mais, leia o artigo “Resquícios da Idade Média”, publicado na Revista Espírita de novembro de 1861, disponível em: <https://kardecpedia.com/obra/16>

2.2 O método mediúnico

Um dispositivo muito importante no trato cotidiano com a mediunidade, formulado por Kardec e exposto de forma clara e objetiva no *Livro dos Médiuns*, é o da observância daquilo que por ele foi denominado “Concordância Universal dos Ensinamentos dos Espíritos”.

De forma clara e objetiva, trata-se de submeter à análise crítica o conteúdo de cada mensagem mediúnica, observar a reprodutibilidade das opiniões e

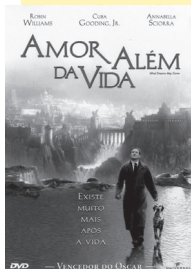
ensinamentos dos espíritos, em diferentes grupos e lugares, por meio da submissão das mesmas questões, temas, dúvidas e problemas para diferentes médiuns e distintos espíritos comunicantes. Confrontá-las, compará-las, analisá-las criteriosamente e judiciosamente.

Busca-se, assim, a coerência factual, a pretensão de universalidade, mas ao mesmo tempo a necessária abertura à crítica e à refutação. Afinal, uma ideia só pode se sustentar como verdadeira se estiver disponível e ser puder ser analisada e contestada.

A busca da concordância universal dos ensinamentos dos espíritos é fundamental para evitar que aquilo que se apresenta como opinião individual

VOCÊ SABIA?

A produção hollywoodiana *"Amor Além da Vida"* (1998), estrelada por Robin Williams, retrata de maneira muito coerente com a visão espírita a vida após a morte. Nos créditos finais há uma extensa lista de livros



utilizados para inspirar e subsidiar a produção deste drama. Nenhuma destas obras pode ser considerada vinculada a autores espíritas kardecistas.

As artes e a cultura, de maneira geral, abrem a possibilidade de reconhecimento da universalidade dos ensinamentos espíritas. Vale a pena conferir...

e isolada dos espíritos acabe por se constituir em dogma, crença ou revelação religiosa.

O trato com o fato mediúnico pressupõe, além da concordância universal dos ensinamentos dos espíritos, discutida acima, a observação de outras posturas metodológicas, propostas por Kardec e ainda muito atuais.

A primeira a se destacar é a necessidade de rejeitar a infalibilidade dos espíritos e médiuns. Toda e qualquer opinião deve ser submetida ao crivo da razão, rejeitando meias verdades, aquilo que não se sustenta frente ao conhecimento científico consolidado, ou que se trata de opiniões particulares e que devem ser observadas cautelosamente até que se demonstrem suficientemente sustentáveis.

Além do julgamento criterioso e do uso do bom senso na relação com os espíritos, torna-se imperativo a adoção de uma posição de igualdade em relação aos espíritos e na análise dos ensinamentos e opiniões, e um adequado e criterioso discernimento na incorporação de novos conhecimentos.

Kardec também preconizava – e parece-nos cada vez mais importante a preservação desta postulação – cautela na incorporação de conceitos, teorias e novos conhecimentos. Em sua produção literária há vários exemplos desta natureza. Um deles, bastante

clássico e importante, foi a forma como lidou com a teoria evolucionista, ainda mais se for considerado que a *Teoria Geral da Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, só foi publicada em 1859. Muitos espíritos sustentavam a tese evolucionista, em contraposição à teoria criacionista e da geração espontânea, até então em voga. Em *O Livro dos Espíritos*, de abril de 1857, Kardec é cauteloso quanto ao tema, mas em 1868 dá lugar a um autor que assume a tese evolucionista, quando da publicação de *A Gênese, os milagres e as predições*, sua última obra antes de desencarnar.

O espiritismo, por não se tratar de uma religião, está comprometido com o progresso e evolução do conhecimento, com disposição de rever seus postulados caso se tornem em desacordo com a ciência.

*"Avançando com o progresso, o Espiritismo jamais será superado, pois, se novas descobertas demonstrarem estar em erro em um determinado ponto, ele se modificará sobre esse ponto. Se uma verdade se revela, ela a aceita."*¹⁶ (p. 71)

Allan Kardec (*A Gênese – Natureza da Revelação Espírita*).



Allan Kardec

Em encontros semanais realizados na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, fundada em janeiro de 1858, fechados ao público e organizados de forma sistemática, é que Kardec estruturou e formulou um modo de coordenar e realizar reuniões mediúnicas instrutivas e seguras.

Mantinha contato com grupos mediúnicos de várias partes do mundo, com quem trocava frequentes correspondências e em determinadas situações chegou a viajar para conhecê-los. Isso lhe proporcionava o intercâmbio e disseminação de informações e lhe trazia elementos substantivos para a almejada concordância universal.

Utilizou-se de maneira significativa da *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*, que circulou sob sua direção, mensalmente, de janeiro de 1858 a março de 1869, como laboratório experimental qualificado. As comunicações eram ali primeiramente publicadas, analisadas e criticadas antes de sua incorporação ao corpo doutrinário do espiritismo.

3 REUNIÕES E GRUPOS MEDIÚNICOS

3.1 Algumas condições para a comunicação mediúnica

A primeira condição para a realização de uma comunicação mediúnica é a existência de um médium e de um espírito comunicante que se disponham a estabelecer intercâmbio. Mas isso por si não basta.

Uma reunião mediúnica está diretamente relacionada a fatores que podem ser controlados ou sobre os quais se pode ter algum grau de interferência. Sabe-se que grupos mediúnicos que estabelecem frequências de emissões energéticas adequadas, expandindo seus campos vibracionais, qualificam o ambiente mediúnico, tornando-o mais adequado

para a realização do trabalho. Da mesma forma, melhoram-se substantivamente as condições para a realização da reunião mediúnica quando se enfrenta – com técnicas de direção adequadas – a dispersão do pensamento entre o conjunto de participantes. Tudo isso permite estabelecer um fluxo energético mais adequado (quantitativo e qualitativo).

O preparo e proteção da reunião de pesquisa mediúnica é algo muito importante e o ambiente ideal é aquele ajustado à seriedade e propósitos da reunião. Não deve ser carregado de muita expectativa ou por excessiva dispersão, já que a reunião mediúnica é conjugação de energias e reclama um equilíbrio emocional.

A preparação da reunião é atribuição de ambas as partes envolvidas (encarnados e desencarnados), sendo muito importante que se construa o ambiente energético-vibracional adequado. Daí a importância da assiduidade e o caráter fechado das reuniões. Grupos harmônicos podem até receber visitas pontuais de pessoas sérias, sem alterações perceptíveis, mas não se deve realizar reuniões mediúnicas públicas e abertas. Discussões acaloradas ou estereis devem ser evitadas e técnicas de relaxamento podem ser convenientes para estimular a agregação e a harmonização.

Os médiuns, por seu lado, precisam estar dispostos, sintonizados, com postura mental ativa e equilibrada e vontade de colaborar. Afinal, a mediunidade é muito mais que mediação, intermediação, interpretação ou filtragem. Trata-se de um processo sempre baseado em dúvidas e incertezas.

A vontade do médium permanece ativa durante todo o processo. Na verdade, há na comunicação mediúmica o confronto de duas vontades, de duas individualidades, que precisam estar suficientemente preparadas e com desejo para que a comunicação aconteça e possa fluir.

Um aspecto pouco valorizado é o da ampliação da capacidade cognitiva do médium. Não se trata aqui de exigir titulação acadêmica para quem vai lidar com o fenômeno mediúnico, mas da postura mental disposta ao estudo e aberta ao conhecimento. Segundo os espíritos Erasto e Timóteo:

"Quando encontramos, num médium, o cérebro enriquecido de conhecimentos adquiridos em sua vida atual, e seu Espírito rico de conhecimentos anteriores latentes, próprios para facilitar nossas comunicações, dele nos servimos de preferência, porque com ele o fenômeno da comunicação nos é muito mais fácil do que com um médium cuja inteligência fosse limitada e cujos conhecimentos anteriores fossem insuficientes." (Cap. XIX; perg. 223; p. 249).

Se é verdade que a capacidade mental do médium limita o teor da comunicação dentro da gama de seus conhecimentos, isso produz um paradoxo que se faz presente e é preciso ser considerado na análise dos fenômenos mediúnicos.

Quanto mais conhecimento possui o médium sobre o tema objeto da comunicação mediúnica, maior o seu potencial para que sirva como instrumento de transmissão das ideias e pensamentos do espírito comunicante. Por outro lado, sempre será mais difícil comprovar a autenticidade e originalidade desta comunicação. Trata-se de algo que aqueles que lidam cotidianamente com a mediunidade logo reconhecem, e do que não se pode escapar. Lida-se com uma potência e, por isso mesmo, com um claro limite ao uso da mediunidade. Daí designarmos tal situação de 'paradoxo da mediunidade',⁴ e assim se deve sempre considerar quando se trata da análise da produção mediúnica e, em particular, de novos conhecimentos.

Por outro lado, é certo que a mediunidade não é privilégio de espíritos com certo grau de conhecimento. É possível a obtenção de comunicações inteligentes, de elevado valor moral, com médiuns analfabetos ou com baixa escolaridade. A mediunidade de cura, por outro lado, que se tipifica

como uma das modalidades de manifestação de efeitos físicos, manifesta-se comumente, sem que isso seja uma regra, naturalmente, por meio de médiuns reconhecidamente ignorantes, incultos e até grosseiros. Muitos deles apresentam desvios éticos, aproveitando-se de seu potencial mediúnico para obtenção de vantagens econômicas e outras de grave natureza, o que, por vezes, os faz habitar as páginas policiais.

Ora, o médium, como já visto anteriormente, é aquele que capta, transmite e intermedia a comunicação. Procura perceber a intenção do espírito comunicante, mas transmite da forma como consegue, do jeito que lhe é possível.

O médium, tanto quanto possível, deve procurar criar sempre condição de neutralidade. Embora esteja presente no processo e atue, mesmo inconscientemente, sem muitas vezes ter clara noção até que ponto é ele mesmo que produz a comunicação e o quanto representa de fato o espírito comunicante, sem que isso possa ser considerado uma produção anímica, ele deve aprender a identificar e discriminar o fluxo de corrente mental de um espírito comunicante e perceber claramente a sua própria corrente mental.

3.2 Apontamentos sobre as reuniões mediúnicas

Sem pretender desenvolver um padrão generalizado para todos os grupos espíritas, é indispensável ter claro que todas essas capacidades dos médiuns para produzir fenômenos no contexto da reunião mediúnica orientada com um fim superior, como de investigação, ajuda, aporte de conhecimentos, desobsessão ou com qualquer outra finalidade previamente definida, é requerida a implementação de uma metodologia com um mínimo de racionalidade. Isto não implica numa ordem ritualística, destituída de lógica. Ao contrário, representa uma bússola orientadora dos ensinamentos de Kardec e seus continuadores. Estes, mesmo que não tenham deixado por escrito qualquer norma, indicaram por meio de suas reuniões a pauta no proceder ante as manifestações inteligentes.

São passos necessários para o desenvolvimento das atividades mediúnicas de hierarquia ética: harmonização dos assistentes na reunião mediúnica; fixação do objetivo de trabalho; elevação e união de pensamentos; solicitação da assistência à espiritualidade; concentração sem dispersão; preparação do ambiente mediante a cadeia magnética da qual se haurem energias de alto teor positivo e proteção

através da criação mental produzida por somatória de pensamentos dos presentes na reunião; compreensão da atividade a realizar, percebendo-se como uma célula coletiva viva integrada em um todo, onde cada participante não perde sua individualidade; manifestação e obrigatório encerramento da sessão apenas após a análise e avaliação da mesma; uma direção dos trabalhos qualificada, serena e segura.

O começo dos grupos mediúnicos requer especial atenção, mesmo que se conte com a presença de médiuns desenvolvidos; a disciplina, o respeito entre os participantes, o estudo permanente, o desinteresse, a fraternidade e humildade são elementos que devem estar presentes sempre, entendendo-os como a base para que se estabeleçam relações humanas positivas, que nos ofereçam um aprendizado.

A respeito desse tema, o pesquisador e escritor espírita brasileiro Hermínio Miranda, na obra *Diálogo com as sombras*, expressa:

"É bom que o grupo seja pequeno, de preferência familiar, composto de pessoas que se harmonizem perfeitamente e que estejam interessadas num trabalho sério e contínuo. Que não se deixe desencorajar por dificuldades ou pela aparente insignificância dos primeiros resultados, nem se deixe fanatizar ou fascinar por pseudos-guias. Aos

poucos, demonstrada a seriedade de propósitos, os trabalhos irão surgindo, sob a orientação de Espíritos esclarecidos. A cada bom grupo de seres encarnados dispostos à tarefa, corresponderá um grupo equivalente de Espíritos..."¹⁷ (p. 15)

As primeiras sessões que as diferentes equipes de trabalho espírita realizam, identificadas com o nome de educação mediúnica e desenvolvimento de faculdades, permitem aos participantes otimizar níveis de concentração, captação, harmonização das energias do grupo e do ambiente, expressões anímicas, percepção e identificação de vibrações (densas, sutis, adstringentes, frias, quentes, repulsivas, atraentes, entre outras), aproximação de espíritos, contato com eles até alcançar o envolvimento ou a superposição do espírito da entidade comunicante ao do médium, que é quando realmente ocorre a manifestação. Todo um processo gradual em que os participantes da reunião vão adquirindo a experiência que, com o tempo, no caso em que o centro espírita realize reuniões de desobsessão, lhes permitirá participar delas com a necessária e obrigatória preparação. Além da formação teórica, as etapas de início que contribuem com o desenvolvimento de faculdades são requisitos *sine qua non* a cumprir-se para uma prática mediúnica responsável.

A distribuição dos participantes na mesa de trabalho mediúnico se faz sob critérios racionais. Há de levar-se em conta a função que desempenha cada integrante da equipe, desde o diretor, assistentes e médiuns. Aquele que ocupa a função de direção da reunião de trabalho a ser realizada é um companheiro, mas sua experiência, conhecimentos e liderança integradora ajudam no desenvolvimento eficiente e harmônico dos objetivos propostos.

Do trabalho mediúnico participam tanto médiuns ativos quanto pessoas que não têm senão capacidades passivas, que contribuem igualmente com seu aporte energético no desenvolvimento da reunião. Essas pessoas são tão valiosas quanto qualquer outro participante.

Um outro fator influente a ser levado também em conta, ou de ser lembrado, é que o excesso de luz para muitos médiuns parece exercer uma influência inibitória à emanção de ectoplasma necessário às uniões perispirituais. De maneira geral, nem a escuridão absoluta, nem a claridade total são propícias ao recolhimento; um ambiente de leve penumbra facilita a concentração serena. Cabe assinalar que nas reuniões onde se apresentam manifestações de efeitos físicos ectoplasmáticas, estas têm um comportamento sensível à luz.

Por outro lado, quando há necessidade de manter o ambiente iluminado para experimentações científicas ou mesmo gravação de imagens da comunicação, é possível realizar normalmente a reunião, pois os médiuns e o grupo como um todo acabam por adaptar-se à situação. Trata-se, portanto, muito mais de um condicionamento relacionado à obtenção de padrões de relaxamento físico e mental, que proporciona a adequada expansão do campo mental do médium, do que uma condição formal e absoluta para a realização da reunião.

Assim, também, a chegada ao local da reunião momentos antes para a preparação do ambiente, com uma leitura e harmonização psicofísica do participante da sessão; o cumprimento do horário fixado; a presença sistemática, sem faltas que ocasionem diferenças notáveis no nível vibratório alcançado pelo grupo de trabalho; cuidado com os pensamentos, ações e palavras em todos os cenários da vida; alimentação leve; disposição para o autoconhecimento e o estudo contínuo contribuem de modo importante com o desenvolvimento das atividades mediúnicas frutíferas e edificantes.

Complementando o método, o senso comum, um alto nível de compreensão, a disciplina, a entrega e intencionalidade positiva são elementos deter-

minantes para que os grupos mediúnicos cumpram com os objetivos propostos nas reuniões espíritas de hierarquia ética.

Uma atenção especial deve ser dada à dimensão ética do exercício mediúnico. As reuniões mediúnicas não devem ser abertas à participação de qualquer interessado, nem realizadas de forma pública, a se constituírem em espetáculo. Devem ter caráter reservado, seletivo, sendo realizadas por grupos o mais homogêneo possível, que tenham clareza de seus objetivos, regras e dinâmica de funcionamento.

3.3 Distorções da mediunidade

Há concepções e práticas da mediunidade diferentes das orientações de Kardec e consideradas inaceitáveis. Entre elas:

- conferir caráter divino às comunicações, afirmando que as mensagens recebidas através dos médiuns provêm de Deus, contraria a visão espírita não antropomórfica da Inteligência Suprema, Energia Criadora e Causa Primeira de todas as coisas;
- atribuir caráter revelador de verdades absolutas. A escala espírita estabelece com clareza, segundo o nível evolutivo dos espíritos, uma hierar-

quia. Esta, embora não determinante, está relacionada com o maior ou menor grau de conhecimentos, intenções, sentimentos, atos pensamentos que identificam esses espíritos. Por essa classificação, e a prática assim o confirma, só àqueles seres denominados como puros é reconhecido haverem alcançado o maior nível de superioridade intelectual e moral. Sendo assim, atribuir tão elevados valores éticos e intelectuais às entidades que se manifestam, considerando-as como portadoras de verdades absolutas seria, no mínimo, um indicador de ingenuidade ou ignorância;

- continuar qualificando o fenômeno como um fato de caráter sobrenatural ou milagroso, sem aceitar que obedece a leis naturais;
- outorgar aos médiuns uma capacidade exclusiva que os diferencia do resto dos mortais para realizar uma missão. A sensatez nos obriga a fazer estes questionamentos: se é uma missão, quem a outorgou? Quem concede mais atitudes e privilégios a uns seres que a outros? O que é requerido de todos na prática da mediunidade é maior responsabilidade e sensatez;
- idolatrar, exaltar e elogiar os médiuns, chegando a conferir-lhes um poder único que não possuem e venerá-los como figuras religiosas;

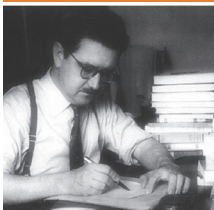
- seguir utilizando como meio de consulta os espíritos em qualquer lugar e sobre banalidades ou situações pessoais. Observam-se ainda em alguns médiuns, possivelmente por desconhecimento, gesticulações ridículas simulando estados modificados da consciência, com os quais anunciam predições, vidências, percepções carentes de um mínimo de racionalidade;
- utilizar a mediunidade como um recurso para o lucro pessoal;
- utilizar a mediunidade para proselitismo religioso e exibicionismo, em reuniões abertas ao público ou sem nenhuma exigência prévia para os participantes;
- outorgar aos espíritos uma autoridade irrefutável da qual derivam afirmações irracionais, como: os espíritos me ordenaram, os espíritos me disseram... Isso nos leva a perguntar que, sendo assim, onde fica a análise crítica sugerida por Allan Kardec em toda a sua obra? E a autonomia de cada indivíduo? E o livre-arbítrio dos médiuns para dirigir-se segundo sua própria consciência?
- manter uma postura de excesso, abuso e credulidade ante a mediunidade de cura;
- realizar processos de desobsessão durante o

fato mediúnico, através de métodos carentes da mais elementar racionalidade;

- persistir em conceber as manifestações espíritas de caráter sincrético, religioso-dogmático, onde estão presentes a cartomancia e leitura das mãos, utilização de velas, incensos, músicas, pirâmides, pedras, talismãs, imagens e culto, orações, liturgias, cerimônias, rituais, passe-mania e águas magnetizadas, quando todos esses recursos, além de serem desnecessários, pertencem a práticas retrógradas;
- utilizar nas reuniões de trabalho mediúnico a reforma íntima como elemento de questionamento, julgamento ou consideração dos participantes ou pessoas a serem assistidas.

A este respeito, diz Herculano Pires:

*"O médium deve ser espontâneo, natural, uma criatura humana normal, que não tem motivos para se julgar superior aos outros. Todo fingimento e todo artifício nas relações sociais leva os indivíduos à falsidade e à trapaça. A chamada reforma-íntima esquematizada e forçada não modifica ninguém, apenas artificializa enganosamente os que a seguem. As mudanças interiores da criatura decorrem de suas experiências na existência, experiências vitais e consciências que produzem mudanças profundas na visão íntima do mundo e da vida."*² (p. 15)



**José Herculano
Pires**
(1914 - 1979)

Foi um destacado estudioso e divulgador espírita brasileiro. Era jornalista, filósofo, educador, escritor e tradutor. Traduziu as obras de Allan Kardec e publicou dezenas de estudos filosóficos, e obras literárias espíritas, entre as quais *Mediunidade (vida e comunicação)*. *Conceituação da Mediunidade e Análise Geral dos seus Problemas Atuais* (1978).

3.4 Consequências da distorção da mediunidade

Nas atividades mediúnicas – nunca será demais advertir – são imprescindíveis a prudência e o respeito, provindos da reciprocidade das relações humanas, seja no plano encarnado como no intercâmbio com desencarnados, sob pena de resultados medíocres.

É de se ressaltar, também, que são requisitos mínimos para alcançar os objetivos propostos: o conhecimento para o emprego das energias; a indispensável realização das reuniões mediúnicas em instituições espíritas; assim como a formação prévia do dirigente, dos médiuns e demais participantes nos aspectos técnicos, culturais e morais.

Entre as consequências e os riscos relativos à prática desordenada da mediunidade encontramos: animismo ou fraude consciente, perturbações ou alterações do equilíbrio psicofísico do médium e, em geral, daqueles que participam da reunião; suspensão de faculdades; sintonia com espíritos atrasados; processos obsessivos-fascinantes; mistificações; além da aniquilação do caráter científico, filosófico e moral do espiritismo enquanto doutrina que estuda o fenômeno.

Por sua importância, voltaremos a tratar este tema mais adiante.

No amplo contexto da mediunidade, existem temas que requerem tratamento específico para desfazer dúvidas, examinar conceitos, atualizar com base em investigações, revisar métodos, confirmar ou rechaçar ideias e fortalecer-nos a continuar pelo caminho certo da pesquisa e à luz dos novos conhecimentos.

Capítulos à parte merecem temas como mediunidade de cura, obsessão e reuniões mediúnicas, o que trataremos de fazer a seguir, na forma de esboços que permitam ao leitor ter um panorama claro ante as inumeráveis interrogações que normalmente surgem inclusive no meio espírita.

4 **MAGNETISMO E MEDIUNIDADE DE CURA**

A palavra magnetismo é usada de várias maneiras no campo da física. Pode referir-se ao movimento dos corpos, às leis de atração e repulsão, a processos intra-atômicos produzidos no campo macromolecular que têm que ver com o movimento geral do Universo. Vamos focar o tema com vistas ao magnetismo de índole espiritual ou o que atualmente se denomina magnetismo pessoal relacionado com a mediunidade curadora.

Desde tempos remotos se sabe que atuamos como se fôssemos ímãs a provocar reações nos demais, seja porque atraímos ou repelimos. E também houve a ideia de que os seres humanos podem

exteriorizar uma espécie de força antes chamada fluido, agora energia, que, de acordo com a vontade, pode ser utilizada para curar ou produzir reações intencionais.

Por isso, no antigo Egito encontramos inscrições nas mastabas, nas pirâmides, nos monumentos, nos afrescos, nas telas típicas dessa grande cultura dos faraós, de sacerdotes impondo as mãos sobre enfermos que, segundo alguns papiros decifrados, continham certas propriedades curativas. Essas práticas egípcias também aparecem na cultura asiática do Velho e Médio Oriente, na cultura africana e povos do Cáucaso. No caso dos dervixes, por exemplo, era voz corrente que em suas danças frenéticas também aplicavam, com os movimentos rítmicos de suas mãos, vibrações com as quais podiam produzir curas através do magnetismo pessoal.

No judaísmo, do qual viria o cristianismo, se teve também a presunção de que a imposição das mãos podia ser um procedimento de acordo com um entorno religioso, onde a oração, a invocação de Deus, no contexto cristão do Espírito Santo, podia igualmente produzir resultados positivos para os enfermos. Daí que se tomou como emblemática a frase de Jesus, o mestre de Nazaré: "Impõe as mãos

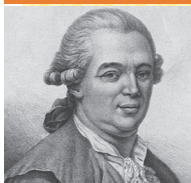
e os doentes serão curados”, com a qual aconselhava seus discípulos. Embora alguns séculos depois o desenvolvimento dessa prática não tenha se estendido e, em certa medida, tenha sido ocultada ou assediada, reaparece forte nos tempos contemporâneos, em movimentos de renovação cristã de tipo carismático, que têm como práticas habituais a imposição de mãos.

Nas culturas americanas, os estudos sobre o xamanismo revelam que era frequente a colocação das mãos em certo contexto mágico para o efeito de cura. Por sua parte, o xamanismo moderno herdou a prática da magnetização das aplicações terapêuticas com as mãos, com fins curativos e sem tocar nas pessoas.

Toda a concepção mágico-religiosa proveniente de culturas diferentes acerca do magnetismo foi modificada no século 18 com os estudos do médico alemão Franz Anton Mesmer, que apresentou um trabalho em sua tese de doutorado sobre a influência dos planetas nos seres vivos e a influência de um fluido cósmico universal que nos envolve, do qual cada pessoa é um reflexo, sendo que ao possuí-lo internamente pode o mesmo ser transmitido com propriedades curativas.

VOCÊ SABIA?

Franz Anton Mesmer foi um médico alemão, criador da doutrina do magnetismo animal. Em 1779 instalou-se em Paris, onde sua fama cresceu vertiginosamente, tendo oportunidade de curar pessoas ilustres. O número de enfermos aumentou tanto, que foi obrigado a conceber um sistema de magnetização coletiva, partindo no início, para a magnetização de objetos ou água. Com a invenção da cuba mesmérica, passou a atender 30 pacientes por sessão, 300 diariamente. Os doentes se prendiam à cuba com água magnetizada, da qual saiam numerosas varas de ferro. Produziam-se, então, variadas reações nervosas ou histéricas, com efeitos curativos em muitos casos. Os doentes eram conduzidos para dois compartimentos contíguos, um para cada sexo, chamados salas de convulsões. O caso provocou um escândalo de grande repercussão. O clero protestou vigorosamente contra essas práticas. Mas Mesmer obtinha curas em muitos casos. Provocou reações contraditórias, com partidários muito entusiasmados e também enérgicos inimigos.



Franz Mesmer
(1734-1815)

Para saber mais, você pode ler Mesmer – A ciência negada do magnetismo animal, de Paulo Henrique Figueiredo¹⁸ e Magnetismo, vitalismo e o pensamento de Kardec, de Ademir Arthur Chioro dos Reis.¹⁹

Em suas teorias, Mesmer afirmou que se a influência de um objeto em seu próprio campo se pode medir, da mesma forma a influência de toda pessoa em seu campo é proporcional à força que emite,

portanto, todas as pessoas têm a mesma vitalidade ou força magnética. Igualmente, expressava que, assim como no magnetismo físico, nesse campo, as forças se polarizam gerando um ânodo e um cátodo, também o campo magnético humano se polariza e possui em si um polo magnético positivo e outro negativo.

O grande aporte de Mesmer foi apresentar a ideia, aceita até os dias de hoje, de que os polos desse campo magnético pessoal se concentram nas mãos e que estas, atuando como polos, ao se moverem em distintas direções, geram um efeito magnético desejado.

Em todas as escolas, em geral, a aplicação do magnetismo se realiza por meio das mãos. Mesmer apresentou a tese e empregou termos que eram novidade para o século 18 ao dizer que, se as mãos se moviam, então significava que a pessoa que dava seu magnetismo, a doadora, podia fornecê-lo à receptora. Por isso, o movimento das mãos foi chamado de “passes”, do que surge a denominação de **passes magnéticos**, do latim *passare*, que significa passar, levar de um lugar a outro. Isso significa que o magnetizador transfere parte de sua força magnética em doses pequenas e segundo a condução, a qual está relacionada com o que o pensamento deseja,

se é para beneficiar a alguma pessoa ou se está centrado para alcançar algo concreto, de acordo com o plano físico, perispiritual ou espiritual.

No século 20, nos Estados Unidos proliferaram escolas, correntes, movimentos dedicados à aplicação de passes magnéticos com a intenção de curar, os quais diferem de algum modo da visão espírita de efetuar estas práticas. Sem dúvida, magnetizadores de prestígio, como o francês Serge Léon Alalouf, o americano Ambrose Worrall, a russa Dzhuna Davitasvilhan, entre outros, demonstraram capacidades interessantes ao aplicar o magnetismo com fins terapêuticos. Há décadas, pessoas vêm trabalhando de modo sério em investigações e importantes descobertas, ressaltando entre essas: os aportes da física canadense Bárbara Ann Brennan em sua obra *Mãos que curam* e mais recentemente as do argentino Raúl Horácio Drubich que, em conjunto



Raúl Drubich
Argentina

Egresso da Universidade Nacional do Litoral, escritor e ensaísta, é também conferencista nacional e internacional, membro da Sociedade Espiritismo Verdadeiro e investigador de fenômenos mediúnicos e paranormais.

com um grupo de estudiosos espíritas, apresentou o resultado de seus trabalhos em congressos internacionais. Seus livros, em especial o intitulado *Curas Energéticas*, versam sobre experimentos acerca do magnetismo e a mediunidade de cura.²⁰

O magnetismo, na doutrina espírita, está incorporado como um dos seus elementos básicos. Antes dos fenômenos das mesas girantes, Kardec havia se interessado por seu estudo e práticas, além de ter sido membro de uma sociedade de magnetizadores franceses. Um homem racional como ele, na linha do positivismo, afirmava que essa radiação era uma espécie de variante da eletricidade universal e que dentro do fluido cósmico se encontrava o magnetismo humano. Trata-se de uma prática comum à maioria das instituições espíritas, sobretudo no Brasil e em outras de corte filosófico ou científico, é um dos conceitos que derivam e se desenvolvem dentro dos postulados básicos do espiritismo. Em toda a obra kardecista encontramos considerações e investigações sobre o tema, como a seguinte:

"O magnetismo preparou o caminho do Espiritismo e os rápidos progressos desta última doutrina se devem indiscutivelmente à vulgarização das ideias sobre a primeira. Dos fenômenos magnéticos, do sonambulismo e do êxtase às manifestações espí-

ritas existe apenas um passo; sua conexão é tal que, por assim dizer, é impossível falar de um sem falar do outro. Se tivermos que ficar fora da ciência do magnetismo, nosso quadro ficará incompleto e poderemos ser comparados a um professor de física que se abstivesse de falar da luz".²¹ (p. 149)

Do ponto de vista espiritual e não só mesmeriano, partindo da premissa de que os seres humanos como espíritos encarnados geramos uma energia vibrante, existe um magnetismo que exteriorizamos à vontade e outro que espontaneamente irradiamos. Com o primeiro, pela imposição das mãos acompanhada do pensamento positivo, dirigido com a intenção de curar, pode-se tratar uma infecção física, dor, depressões, quadro clínico emocional, entre outros, produzindo-se efeitos realmente terapêuticos.

A resposta transcrita em *O livro dos Espíritos* à pergunta 424, feita por Kardec, o confirma:

"Através do cuidado pontual, os laços que estão prestes a ser quebrados podem ser retomados e devolver a vida a um ser que morreria definitivamente por falta de ajuda? Sem dúvida que sim. Muitas vezes o magnetismo é, neste caso, um meio poderoso, porque restitui ao corpo o fluido vital que está faltando e que não era suficiente para manter os órgãos em funcionamento."⁶

No segundo caso, nos referimos ao magnetismo pessoal, o qual todos possuímos e pode sair de nós, irradiar-se e fluir em torno de nós de maneira espontânea. A partir dessa vibração que se percebe no campo magnético ou na aura das pessoas, produz reações nos demais de agrado, admiração, sedução, que alguns denominam carisma e isto está relacionado diretamente com o que pensamos, sentimos, como atuamos e expressamos, seja bem orientados eticamente ou o contrário.

Destas afirmações é fácil inferir a necessária relação entre magnetismo e mediunidade de cura. Entendida esta última como a faculdade que alguns indivíduos têm, influenciados por entidades espirituais, de produzir vibrações de tipo terapêutico que são percebidas pelos receptores a quem se destina o pensamento, dirige a vontade e se imprime a essa transferência energética as qualidades necessárias que holisticamente regeneram e harmonizam em muitos dos casos a estrutura física e perispiritual do ser em seus diferentes níveis. A este respeito, os espíritos em *O Livro dos Médiuns* na pergunta 176 respondem:

"O poder magnético reside indubitavelmente no homem, mas é aumentado pela ação dos espíritos a quem ele chama em sua ajuda. Se magnetizas com o fim de curar, por exemplo, e invocas a

um espírito bom que se interessa por ti e por teu paciente, o espírito incrementará tua força, dirigirá teu fluido e lhe dará as qualidades necessárias.”¹

As coincidências e diferenças entre o magnetizador e o médium de cura devem ser levadas em conta na hora de precisar por parte dos experimentadores quando está atuando unicamente a força psíquica do curador ou em realidade a intervenção dos espíritos está influenciando de forma determinante nos efeitos terapêuticos do paciente. Embora ambos se sirvam do fluido cósmico universal, suscetível de inúmeras combinações, no doador de energia a força magnética é proporcional a todos os seus processos psíquicos, mentais e emocionais.

Sem dúvida, na assistência onde se combinam o magnetismo humano e a contribuição dos espíritos, a energia potencializa e adquire qualidades que faltam ao magnetizador quando atua por si só. Como referência, citamos entre tantos o caso do destacado médium brasileiro José Pedro de Freitas, mais conhecido por Zé Arigó, que atendia cerca de 200 pessoas por dia em suas cirurgias; entre outras coisas, diagnosticava e receitava, tudo isto em estado de transe e dirigido pelo Dr. Fritz desencarnado. Igualmente, a mexicana Bárbara Guerrero, conhecida como Pachita, que realizou inúmeras intervenções

cirúrgicas, bem como o filipino Tony Agapoa. Em especial, o norte-americano Edgar Cayce em estado de transe falava em termos médicos que desconhecia em estado consciente, relacionando a enfermidade atual com vidas anteriores, diagnosticava em presença ou ausência do paciente, realizava leituras de vidas passadas, receitava medicamentos ortodoxos em algumas ocasiões e em outras recorria a métodos alternativos de tipo natural ou psíquico e sugeria operações.

VOCÊ SABIA?

As observações e investigações realizadas acerca da mediunidade do médium curador Zé Arigó dão conta de efeitos de analgesia, cicatrização imediata de incisões operatórias, assim como de homeostasia e coagulação de sangue. Também era comum que, mesmo intervindo cirurgicamente com objetos penetrantes desnecessários, nunca houve a presença de quadros infecciosos. O caso da operação de um jovem cego desde muito cedo, com o objetivo de recuperar a visão, o confirma. O médium realizou o procedimento, em ambos os olhos, de expor o globo ocular fazendo alavanca com o bisturi, o qual girou em torno do globo sem produzir nenhuma dor no paciente, nem o mínimo de sangramento.²²

A este respeito, o investigador de fenômenos mediúnicos, espírita argentino Raúl Drubich, em suas experimentações estabelece uma clara diferença

entre o curador energético, o paragnosta ou diagnosticador paranormal e o curador paragnosta, que deve ser objeto de estudo.

Incluiu ele nas conclusões do trabalho realizado pela equipe mediúnica o seguinte:

"No futuro também poderemos discernir entre curadores psíquicos e médiuns curadores e entre paragnostas e médiuns paragnostas, estabelecendo de que maneira influi a atividade espírita no fenômeno, sobre as curvas de rendimento energético e sobre a informação transpessoal que possa dar-nos do enfermo a tratar. De fato, utilizando médiuns clarividentes na observação das transferências de energia em laboratório, somos informados da atividade de espíritos que colaboram no processo. Estas observações mostram combinações energéticas entre os curadores e os espíritos em um processo solidário que responde a variáveis que apenas começamos a tratar."²⁰

Existe bibliografia suficiente de corte científico, espiritualista e espírita que reafirma os efeitos da doação de energia com fins curadores, do papel do sensitivo ou dos médiuns com estas capacidades, de medições sobre as energias que irradiam em diferentes frequências, entre outros aspectos. Não obstante, os trabalhos de campo apresentam resultados que merecem ser objeto de discussão,

análise e raciocínio nos centros espíritas. A observação permite reafirmar o que se afirma na obra kardecista:

- o médium curador, como todos os demais, possui uma capacidade natural, não de ordem divina, colocada à disposição do próximo, com o objetivo de servir incondicionalmente, sem nenhuma retribuição;
- expor uma atividade de cura *sui generis* com promessas de curas e explorações em meios de comunicação com fins de propaganda desvirtua o caráter ético da prática mediúnica;
- diante de doenças, descartar as ideias de fatalismo e determinismo, bem como as crenças de que a origem corresponde a faltas do passado;
- não é necessária a utilização de objetos cor-tantes ou de punção, nem ferramentas físicas de nenhuma espécie. As terapias ou curas são energéticas;
- as indicações ou prescrições de drogas ou medicamentos são procedimentos que correspondem unicamente aos profissionais habilitados;
- compreender que as terapias energéticas, os passes presenciais ou à distância e a mediunidade de cura são alternativas que não substituem o tratamento nem a consulta médica convencional;

- as condições físicas, psicológicas e emocionais dos participantes na reunião afetam de fato a ação de cura;
- a sistematização do trabalho permite corroborar que o grupo não deve separar o seu trabalho nas reuniões de suas atividades diárias. Pelo contrário, em quaisquer situações o cuidado com o organismo biológico, as ações, os pensamentos do dia a dia contribuem para fortalecer o ato mediúnico durante a doação de energias salutares. Quando o grupo em sua totalidade se submete a maiores cuidados nos dias anteriores ao trabalho, mediante a prática de exercícios de respiração, visualização, meditação e preparação integral, os resultados obtidos são de efeitos positivos;
- os comprometimentos dos membros da equipe de trabalho (problemas familiares, econômicos, preocupações, altos níveis de estresse ou de qualquer índole) incidem negativamente nos resultados esperados;
- embora o passe energético seja um elemento do contexto do magnetismo estudado pelo espiritismo, não é ele o eixo central deste sistema de pensamento. A prática desmedida e exacerbada do passe nos centros espíritas, sem

que os assistidos, em certos casos, os solicitem, numa violação de sua autonomia e livre arbítrio para decidir se desejam ou não receber a ajuda energética, é sinônimo de incompreensão das realidades espirituais de cada individualidade e, por outro lado, expõe novamente a doutrina a semelhanças e comparações com o curandeirismo, a bruxaria, a magia, entre outros.



5 OBSESSÃO E TRANSTORNOS MENTAIS

Ao longo dos anos o tema da obsessão, tratado por Kardec com os espíritos superiores e investigado por outros autores, não sofreu grandes variações, por cuidar de reações humanas frente ao que se poderia considerar uma queixa, um ato ignóbil, uma conduta inapropriada ou simplesmente pelo predomínio das paixões. Apesar disso, o que merece estudo atento, por ser objeto de avanços importantes, são os procedimentos utilizados nas práticas de desobsessão. Estas possuem especial relevância porque, além de terem entre seus objetivos principais resolver relações perniciosas complexas entre vítimas e algozes, que, muitas

vezes, não têm origem nesta existência mas em anteriores, adicionalmente possuem o valor superior de motivar entre os envolvidos o desejo de erradicar sentimentos, ideias e emoções que alteram seu campo mental, se falamos de espíritos desencarnados, e, no plano encarnado, alteram a estrutura psicofísica do indivíduo.

Assim sendo, vamos nos aprofundar em suas causas, na classificação da obsessão e nos graus de afetação daqueles que se veem envoltos em vibrações de baixa frequência, como resultado de seus atos. Abordamos igualmente as alterações psicológicas e biológicas produzidas pela obsessão, os alcances do processo desobsessivo e a relação com as enfermidades mentais, à luz da psiquiatria e do espiritismo, considerado este como doutrina de base científica que, entre seus elementos, trata, pela mediunidade, da moralização daquelas entidades vinculadas entre si por afinidade de pensamentos, comportamentos, ações, presentes e passadas, que lesionam integralmente os agentes participantes desse tipo de relações.

A (origem da) palavra obsessão provém do latim *obsessio*, que significa assédio. A maioria dos dicionários e literatura de corte científico (psiquiatria,

psicologia e psicopatologia) acerca do tema a definem como o estado de perturbação mental caracterizado pela presença de uma ideia, uma palavra ou uma imagem fixa ou permanente, pela qual a pessoa, sem o desejar, se encontra dominada, sem poder reprimi-la ou evitar com facilidade.

É de se admitir que nenhuma pessoa haja desejado experimentar, em algum momento de sua vida, um pensamento obsessivo, um comportamento compulsivo ou vivência irracional, mesmo sem maior transcendência diante de sua fugacidade ou inconsistência. Quando estes são recorrentes, trata-se de monoideias ou condutas do próprio sujeito, carentes de lógica e produzidas involuntariamente.

A ciência materialista, ao não conceber a existência e sobrevivência do espírito, reduz a obsessão a uma patologia anímica que deve ser tratada com procedimentos agressivos tradicionais através da ingestão de fármacos, aplicação de substâncias químicas, terapias, reclusão hospitalar e outras práticas. Leva em conta apenas fatores do tipo orgânico, genético ou ambiental e descarta a possibilidade de considerar, num importante número de casos, a influência dos espíritos.

5.1 Conceito de obsessão

Épocas diferentes, ideias coincidentes. A semelhança de conceitos sobre a obsessão espiritual de Kardec e outros autores, estudiosos do tema, entre eles Herculano Pires, Hermínio Miranda e Jon Aizpúrua, têm confirmado a presença desses transtornos em todas as épocas, com iguais características. Possivelmente, mudem as formas de expressar as ideias, mas, no fundo, as definições seguem sendo as mesmas. Kardec em sua obra *A Gênese* (cap. XIV, p. 308) assim o define:

"A obsessão é a ação persistente que um espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta características muito diferentes, desde uma simples influência moral, sem signos exteriores notáveis, até o desequilíbrio completo do organismo e das faculdades mentais (...)."16

Ainda que Kardec tenha conceitualmente vinculado a obsessão à ação de um espírito mau, depreende-se do estudo e da prática que há processos obsessivos desencadeados por espíritos ignorantes, pouco evoluídos, que não são necessariamente movidos pelo desejo de prejudicar o obsedado, ainda que causem muitos prejuízos. O estudo dos transtornos mentais e a associação destes com processos obsessivos denota também que a

maldade nem sempre está na base da associação obsessora que se estabelece.

Assim sendo, vale destacar algumas definições, elaboradas por eminentes estudiosos do espiritismo que, embora não se confrontem com a conceituação formulada por Kardec, ampliam a base de entendimento sobre esse tema tão complexo:

Algumas definições de obsessão:

"A obsessão se caracteriza pela ação de espíritos inferiores sobre o psiquismo humano."²³ (p. 5)

José Herculano Pires

"A obsessão é amiúde um processo de vingança. Sem educação moral, como diz Kardec, o espírito perseguidor busca alívio para seu sofrimento fazendo sofrer aquele que o causou, tornando-se ambos infelizes e envolvendo também outros nas tramas de suas desgraças."¹⁷(p. 104)

Hermínio Miranda

"À luz do ensinamento do espiritismo, a obsessão se define como a influência perniciosa que um espírito exerce sobre outro, por diversos motivos e mediante a utilização de diferentes procedimentos, provocando na vítima numerosos desajustes físicos, psicológicos e morais que afetam sua saúde e alteram seu comportamento."¹⁰ (p. 241)

Jon Aizpúrua

5.2 Classificação da obsessão

Kardec classificou os distintos processos humanos, por ele denominados obsessões espirituais, de acordo com determinadas características, tais como o predomínio de ideias em sentido negativo, anulação do pensamento crítico, domínio mental e corporal, sintomatologia, comportamentos e reações. De acordo com isso os tipificou como obsessão simples, fascinação e subjugação. Os processos obsessivos podem apresentar-se em qualquer uma dessas formas, sem que isso indique necessariamente uma progressão de um grau a outro. É importante salientar que não se restringem à relação que se estabelece entre um espírito desencarnado e um encarnado, pois podem ser produzidos, também, entre desencarnados, entre encarnados, e de encarnado a desencarnado.

A experiência de inúmeros casos atendidos, cada um com suas particularidades e com níveis variados de complexidade, assim como o estudo permanente de obras de diferentes pesquisadores especialistas na matéria, permitem sugerir que a constituição de um grupo mediúnico em qualquer centro espírita do mundo, que tenha entre seus objetivos dar assistência a seres com transtornos de tipo espiritual inti-

mamente desarmonizadores, deve ter como fundamento, para iniciar o processo de ajuda, o seguinte:

- a) o conhecimento das origens ou as causas que produzem a obsessão;
- b) realizar um diagnóstico com base nos dados informados pela pessoa afetada e os provenientes da espiritualidade, incluindo agentes;
- c) a identificação de elementos para atendê-lo;
- d) as condições para resolver definitivamente essa vinculação prejudicial.

Embora os motivos mórbidos das obsessões possam ser variados, a literatura séria existente e a prática identificam a vingança como um dos maiores fatores humanos que dão origem as mais lamentáveis situações de conflito e degradação moral conhecidas, transcendendo alguns a várias encarnações. Conseguiu-se também determinar, no estudo das tendências do ser humano, que um importante número de casos atendidos nos centros espíritas mostra que o obsessor acredita no seu direito legítimo de cobrar, centrado no poder, no dinheiro, nas relações afetivas e em possíveis práticas abortivas.

As sessões mediúnicas que têm por objetivo dar assistência a seres envolvidos em processos de obsessão, devem ser cuidadosas e não podem ser improvisadas, pois a prática não perdoa a falta de

preparação, bem como a ignorância. Como vimos anteriormente, o mundo espiritual está povoado de entidades que foram, neste plano terreno, nada mais que homens e mulheres, como nós mesmos, encontrando-se em diferentes estados de desenvolvimento moral. Lá, como aqui, há espíritos nobres e dotados de valores éticos avançados, mas também uma quantidade importante de seres que se encontram imersos nos extremos dolorosos de envilecimento.

As alterações que se produzem na estrutura psicofísica do obsedado e as características predominantes de cada processo enfermiço variam de menor a maior grau de complexidade.

Na obsessão simples, são particularidades presentes: as ideias repetitivas e inoportunas, a intromissão na vida cotidiana da vítima, o impedimento ao acesso a outras entidades de maior progresso ou afins a quem se ama. Em muitos casos, o obsedado como nenhum outro pode chegar a ter conhecimento do que está acontecendo consigo, pode incomodar-se, mas não deixam de ser perturbações menores.

Na fascinação, o perseguidor invade a esfera mental do obsedado com ideias as mais absurdas e extravagantes. Tem domínio de sua vontade,

reduz sua capacidade crítica. Obnubilado, o obsedado aceita elogios bajuladores que alimentam extremadamente seu ego, a ponto de considerar-se, no caso dos médiuns, único e o melhor. O assédio é de tal magnitude que a vítima é impulsionada pela ou pelas entidades que a obsidiam a não permitir observações que a conduzam a corrigir suas atitudes. A ilusão é praticamente total mediante ideoplastias que se apresentam com diferentes aparências. Nesses casos, as faculdades dos médiuns se reduzem à sintonia com espíritos atrasados e a receberem comunicações burlescas e estapafúrdias que questionam não apenas as práticas espíritas, mas também o seu corpo doutrinário.

A subjugação pode alcançar níveis perniciosos inimagináveis, físicos e psicológicos, onde o controle moral exercido sobre a vítima é completo; anula-se totalmente sua vontade e ele é induzido a comportamentos degradantes, como: consumo de drogas, álcool, práticas sexuais doentias. As entidades espirituais envolvidas nesse tipo de relações por afinidade transmitem pensamentos, sentimentos e emoções aberrantes, carregadas de ódio; plasmam imagens que ocasionam terror, induzem à mentira, submetem o obsedado fisicamente, provocando-lhe dores intensas ou violentando-os sexualmente por meio da

projeção de energias provenientes de uma ou mais entidades vinculadas ao caso. Isto altera de tal forma seu psiquismo que o processo iniciado possivelmente como uma obsessão espiritual de alto grau pode vincular-se a patologias claramente reconhecidas pela psiquiatria como enfermidades mentais.

Kardec, em *O Livro dos Médiuns*, no capítulo em que trata da obsessão, faz referência clara ao fato de não se fazer uso, nos casos de subjugação, dos termos possessão ou possuídos, utilizados no passado com uma conotação distinta. Todavia, parece ter mudado de opinião posteriormente, no livro *A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo*. Preferimos aqui não fazer menção a esse termo tão estreitamente relacionado ao catolicismo.

5.3 Causas da obsessão espiritual

É de se admitir que os processos de obsessão se desenvolvam porque os envolvidos em semelhantes relações possuam em comum uma atmosfera mental de pensamentos e ações decadentes e estejam na mesma faixa vibratória. Independentemente de as dívidas do obsedado com o obsessor virem desta ou de encarnações passadas, podem até transcender mais de uma existência. O prosseguimento ou o final

dessa trama será proporcional à capacidade de odiar ou de perdoar de parte dos protagonistas desses dramas pessoais ou coletivos.

Em um trabalho de desobsessão, que não é mais do que a possibilidade de reorientação de objetivos e de reconstrução de relações entre os implicados, o sugerido seria, como solução definitiva, o reconhecimento do prejuízo para ambos os envolvidos nessa relação, bem como o mútuo e necessário perdão. Mas, nem sempre isso é possível. E, mesmo que a vítima esteja em desvantagem, devido à invisibilidade do agressor, ao tomar a decisão de fechar a porta ou o espaço psíquico que deixou aberto e for capaz de identificar comportamentos erráticos que permitiram a penetração psicológica e energética perversa de sua mente, internalizar e incorporar mudanças positivas em sua vida, estará limitando o acesso e se afastará da frequência energética em que estão envolvidos.

Além do motivo da vingança, principalmente relacionada aos processos reencarnatórios ou experiências do passado em que o agressor de hoje foi o agredido de ontem, que por sua vez está presente em uma posição de cobrador ao carrasco de antes, vemos nas reuniões mediúnicas a confirmação de que princípios éticos são transgredidos por desvios

ou fraquezas comportamentais. Promiscuidade, pedofilia, abuso e dependência de drogas, álcool e outras substâncias entorpecentes; interesse em pornografia, gula, práticas sincréticas, especialmente com a intenção de causar danos a terceiros etc., são apenas algumas das causas que também influenciam no desenvolvimento dos processos obsessivos.

Considere-se aqui que o pensamento é a irradiação de ondas eletromagnéticas que sintonizam outras da mesma frequência (emissor-receptor). Isso conduz a uma ação impulsionada por sentimentos, tais como ira, rancor, raiva, ódio, orgulho, egoísmo, vaidade, que, por sua vez, são garantia de processos obsessivos nascentes ou em desenvolvimento. Além disso, atos negativos, como críticas destrutivas, julgamento dos companheiros, mentira, engodo, o viver do trabalho e esforço alheio, a evocação de espíritos para fins inescrupulosos e rituais, entre outros, são gatilhos seguros para atrair seres com tais níveis de inferioridade moral, que são capazes de destruir o indivíduo obsedado, afetando o meio ambiente: pessoal, laboral, profissional, além de comprometer habilidades cognitivas e saúde geral.

Deve-se notar que, embora não em todos os casos de obsessão, quem causa o prejuízo à vítima está ciente disso. É o caso da mãe possessiva e

controladora que desencarna e obsidia seu filho ou, em situação diversa, as fixações mentais de parentes que sofreram a perda de entes queridos e, embora sem a intenção de os prejudicar, se mantêm desesperadamente aferrados a eles por lembranças incessantes, imagens mentais, negação da realidade, depressões, entre outros.

As propriedades plásticas do pensamento, conhecidas hoje pela ciência como neuroplasticidade, permitem construir ideias que se materializam ao se reorganizarem e mudarem sua estrutura molecular. O emissor de uma ideia fixa pode plasmar no destinatário imagens mentais que chegaram a ser fotografadas. Pode também capturar emissões de pensamentos com o objetivo de curar, porque estas são positivamente orientadas. Igualmente, pode perceber as que provêm de entidades atrasadas com a intenção de causar constrangimento.

5.4 Tratamento espiritual complementar

Passemos, então, à hipótese da solicitação da assistência nos centros espíritas pelo sujeito que afirma se sentir possuído. Registre-se, primeiramente, que o termo “possuído” é erroneamente utilizado, porque os espíritos não possuem o corpo de outra pessoa, mas imantam suas energias, projetam-se,

dirigem seus pensamentos. Pois bem, nesse caso, a primeira coisa que algumas instituições fazem é solicitar ao indivíduo uma avaliação psiquiátrica que descarte patologias mentais de tipo orgânico ou induzidas por fatores externos.

Obtidos, pois, os resultados e confirmada a ausência de alterações psicológicas de ordem física conhecidas, uma entrevista com o obsedado é feita por um ou mais gestores da Instituição. Entre eles está o diretor das sessões mediúnicas, que orienta e dirige todo o processo desde seus inícios. Por meio deste levantamento, cujo conteúdo se concentra nos aspectos psicológicos, psicopatológicos, familiares e sociais do envolvido, pode-se identificar os fatores que deram causa ao processo obsessivo e convidar o agredido inicialmente a autoanalisar-se, a revisar-se, a reconhecer as possíveis origens de seu estado, internalizá-las e trabalhar nelas incorporando mudanças positivas que permitam consolidar a recuperação.

Paralelamente, são realizadas as reuniões mediúnicas necessárias onde são ventiladas as intimidades que o caso merece para uma possível solução, que será determinada, em princípio, pela disposição de a vítima de hoje realizar uma viagem, como timoneiro de sua vida, que o leve a um porto seguro através da transformação pessoal.

Ressalta-se que, mesmo que a patologia seja de origem psiquiátrica, se os familiares solicitarem também pode ser prestada assistência, pois a condição mental do paciente poderia atrair entidades afins a esses processos psicológicos, agravando a saúde do assistido.

Determinante para a resolução efetiva de uma relação obsessiva é o esclarecimento e conscientização do obsedado do seu papel no processo. Ele precisa compreender que deve adotar uma postura mental diferente, exercer o controle de sua mente, sentimentos e desejos, e repelir a interferência do obsessor. Compreender que é por meio de sua atitude mental e da vontade que haverá a interrupção da relação perniciosa estabelecida. Daí a importância, em trabalhos de desobsessão, de orientação segura também para o obsedado, que deve estabelecer um novo padrão mental capaz de produzir outros padrões mais adequados de sintonia afetiva e energética.

Há elementos importantes, provenientes da literatura espírita especializada e particularidades resultantes do trabalho de campo, que seriam de grande utilidade para as equipes mediúnicas no momento de considerar o atendimento àqueles que estão vinculados a relações perniciosas:

- entender desde o início que obsessivo e obsessor devem ser tratados como iguais;
- a prática confirma que o método ou estratégia válida no processo de desobsessão, longe da repressão, culpa ou violência contra o agressor, é reconhecer diante dele que, embora ele pudesse ansiar por justiça e, portanto, sentir-se no direito de cobrar, o procedimento que ele usa não é apropriado. Isso produz o efeito de relaxar os espíritos e desarmar qualquer argumento a partir do momento em que se decide ouvi-los sem preconceitos;
- o tempo de resolução de tal conflito não pode ser determinado. A realidade espiritual de cada um envolvido, o nível evolutivo, a capacidade de se desvincular de pensamentos, sentimentos ou atos enfermeiros e decadentes determinarão a sua solução;
- os grupos mediúnicos envolvidos nos processos de desobsessão requerem a expertise necessária para a gestão de energias densas, tratamento com seres violentos, agressivos, habilidosos, sarcásticos, inescrupulosos. A imperícia nesses casos pode causar sérios prejuízos. É relevante e inescapável adquirir previamente uma adequada formação em sessões de estudo ou desenvolvimento de faculdades;

- é comum que a equipe espiritual encarregada dos processos de desobsessão nos centros espíritas, ou de certos casos em particular, faça a condução inicialmente das entidades envolvidas no conflito que estão em condições deprimentes devido ao estado de aviltamento. Em outros momentos, a pessoa que atua como autor intelectual ou executora, como se fossem organizações criminosas, é aquela que se apresenta acompanhada de um número significativo de seres afins relacionados ao fato de que está sendo ventilado. Mesmo que não tenha relação direta com ele, ouvem o que é expresso pelo Diretor encarnado da reunião, que deve possuir uma ascendência moral autêntica para lidar com espíritos verdadeiramente atrasados.
- em todos os casos, se a pessoa a ser assistida tiver sido medicada por apresentar uma patologia psiquiátrica, não deve ser descontinuado o tratamento sugerido por especialistas. Para qualquer caso, será sempre o médico que sugere ou ordena a suspensão dos medicamentos frente a melhora de seu paciente;
- a gravidade de alguns conflitos de ordem espiritual pode derivar ou relacionar-se com patologias psicológicas e físicas. Por sua vez, a depressão ou neurose, onde a desvalorização

do sujeito está presente, pode influenciar o desenvolvimento de processos obsessivos de tipo espiritual;

- a assistência de uma equipe multidisciplinar no tratamento de obsessões espirituais é decisiva e positiva. Se os membros da reunião mediúnica tiverem a participação de profissionais em psicologia, psiquiatria ou psicoterapia, eles seriam um valor agregado que contribuiria para a solução dos casos. Se não for possível, a referência a esses especialistas é desejável para trabalhar em conjunto;
- em certos casos, as regressões feitas pelo diretor durante a sessão médica às entidades que são levadas pela espiritualidade permitem o esclarecimento de uma mente obnubilada pelo ódio;
- os passes magnéticos são frequentemente usados para fins duplos: alguns, para ajudar o médium a fazer que o empalme ou sobreposição do perísprito do espírito comunicante sobre o do intermediário ou médium possa ser realizado com relativa tranquilidade, apesar da densidade de suas vibrações; os outros passes, chamados de limpeza, uma vez concluído o transe, permitem que ele se recupere progressivamente ante à imantação de energias de tão baixa frequência.

- a melhor ajuda que pode ser fornecida em casos de obsessão é a orientação. A vítima de hoje deve saber que o controle de sua mente pertence a ela, é ela quem definitivamente abre ou fecha as lacunas psíquicas que a levam à liberdade ou prisão.

A observância de sigilo quanto às informações de caráter individual é fundamental. Aquilo que é revelado, discutido e analisado em um encontro mediúnico deve ser guardado e respeitado de acordo com as condutas éticas estabelecidas para preservar o direito ao sigilo e confidencialidade. Portanto, utilizando-se de mecanismos que permitam a preservação do anonimato, deve-se abster de comentar qualquer informação fora do espaço reservado da reunião mediúnica que possa resultar em qualquer tipo de prejuízo ou constrangimento moral às pessoas encarnadas ou desencarnadas.

Todavia, a mudança de paradigma na questão da obsessão ainda está pendente. Extraí-lo da concepção demoníaca e tratá-lo sob a ótica de um processo natural e humano com elementos correspondentes à psiquiatria, psicologia, autotransformação dos envolvidos através da mediunidade, dos centros espíritas e até mesmo das religiões para aqueles que são adeptos delas, seria um avanço

importante. Os espíritas de formação adequada devem persistir em desassociar completamente a obsessão de práticas retrógradas que até hoje são realizadas, como exorcismos ou expulsão violenta de demônios, drogas que obnubilam a consciência e geram dependência, imobilização do sujeito através de restrições físicas, confinamentos e outras técnicas degradantes que alteram e deterioram ainda mais a estrutura psicofísica da pessoa assistida.

5.5 Transtornos mentais

Ter conhecimento sobre transtornos que comprometem as habilidades psíquicas e cognitivas, alterando assim o comportamento dos indivíduos afetados, é importante para os espíritas, não apenas pelo aumento do acervo intelectual, mas também porque isso permite diferenciar entre os processos mentais que vêm de causas orgânicas, comportamentais, sociológicas ou psicodinâmicas e aqueles que têm sua origem em obsessões espirituais. Mesmo que, às vezes, eles possam estar correlacionados e até mesmo apresentarem semelhanças, nem todos provêm da mesma raiz. Embora se possa dizer que o diagnóstico dos médicos especialistas é decisivo e definitivo, muitos são os casos em que após uma

conversa com espíritos se deduz clinicamente da existência de uma doença mental.

Em hospitais psiquiátricos e outros serviços de saúde mental, muitas pessoas com sensibilidade e capacidades mediúnicas tratadas como neurose, psicose ou esquizofrenia são mantidas ou cuidadas diariamente, sob a administração de medicamentos que, longe de melhorar a situação, causam desorientação e estados permanentes de sonolência, agressividade, desânimo, apatia, entre outros. Enquanto a ciência materialista não admitir conscientemente a sobrevivência do espírito, continuaremos a ter seres com faculdades psíquicas e mediúnicas submetidas à investida da medicina psiquiátrica tradicional.

Profissionais da área propõem várias abordagens sobre o nascimento de patologias mentais, desde hereditárias, disfunções neuronais e bioquímica cerebral; comportamento individual ao interagir com o ambiente, bem como posições individuais em relação a fatores familiares, políticos, sociais, culturais e ambientais; ao que vem do mundo inconsciente relacionado à ansiedade gerada pelo choque entre o prazer e sua repressão por censura, menciona o psicólogo clínico Jon Aizpúrua.¹⁰



Jon Aizpúrua

Psicólogo clínico, educador e escritor. Conferencista internacional. Membro do Conselho Universitário da Universidade Central Venezuelana (UCV). Presidente da Confederação Espírita Pan-Americana – CEPA, atual Associação Espírita Internacional (1993-2000) e Presidente do Movimento de Cultura Espírita (CIMA).

Este autor apresenta em um esquema segundo a prática clínica, a etiologia das doenças mentais atribuindo a presença de diferentes fatores: exógeno (trauma cranioencefálico, exposição permanente à radiação, uso de drogas e infecções bacterianas); deficiências (vitaminas, oxigênio, hormônios, sono, estímulos sensoriais); estresse; agentes bioquímicos (neurotransmissores diminuídos ou elevados), além de tumores e lesões cerebrais, processos degenerativos (arteriosclerose e demência senil) e elementos relacionados à herança. Refere-se também ao *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*, elaborado pela Associação Americana de Psiquiatria, para conhecer em profundidade essas patologias organizadas por sintomas em ordem hierárquica. Por fim, complementa com as diferentes reações e comportamentos que caracterizam os variados tipos de neurose, psicose e esquizofrenia, incluindo

obsessões espirituais como contribuição que faz o espiritismo para enfrentar a doença mental de forma abrangente e mais eficaz.

Herculano Pires, em sua obra *Curso Dinâmico de Espiritismo: O grande desconhecido*, faz as seguintes afirmações, algumas coincidentes com Aizpúrua:

*"A psiquiatria é o campo médico de maior conflito com o espiritismo. E é o campo espiritual mais intensamente ativo e onde os espíritas alcançaram os maiores sucessos. A razão para isso é óbvia. A maioria dos psicopatas são simplesmente obcecados; e o que vai além da rotina em psicopatias de origem psicológica, educacional, neurológica ou cerebral é igualmente infestado por espíritos inferiores. Quanto a isso, espíritas praticantes e especialmente céticos não têm a menor dúvida"*²⁴ (p. 47).

O espiritismo não pretende se opor à psiquiatria, nem negar suas conquistas ou as da psicoterapia em geral, mas é claro que oferece a este campo de tratamento especializado novas perspectivas para avançar na pesquisa etiológica e curadora, cientificamente comprovadas. Revela aos psicoterapeutas o rosto oculto da realidade psicopatológica, assim como os astronautas revelaram aos astrônomos o rosto oculto da lua.

Métodos espíritas complementares de tratamento comprovaram sua eficácia e continuam sendo testados diariamente em todo o mundo. O espiritismo oferece à psiquiatria uma contribuição teórica e prática completa, que a psiquiatria não pode rejeitar com base em suposições e preconceitos de um passado superado.



6 ANÁLISE CRÍTICA DA MEDIUNIDADE

Decorridos mais de um século e meio do surgimento do espiritismo, em 1858, e da publicação de *O Livro dos Médiuns*, em 1861, o primeiro e ainda hoje mais completo manual teórico-prático sobre a mediunidade, observa-se o abandono da dimensão epistêmica da comunicação entre os chamados 'vivos' e 'mortos'. Ao longo do tempo, é preciso admitir, a mediunidade passou a ser mal compreendida, inadequadamente praticada e seu papel foi e continua sendo distorcido ou desvalorizado.

Abandonada como fonte de produção de novos conhecimentos, foi redirecionada para a obtenção de mensagens evangélicas e salvacionistas, voltadas a

aplaçar a dor e consolar os sofredores, à 'doutrinação' de espíritos e à resolução dos problemas (morais e psíquicos), atribuídos de forma generalizada e equivocada na maioria das vezes como resultantes do exercício ou da abstenção da atividade mediúnica. Observa-se, de maneira geral, seu uso exclusivo ou direcionado prioritariamente para atividades de cura, atendimento a espíritos sofredores, obsessores e obsedados, vidência interpretativa das aflições morais e físicas dos encarnados, para a busca de notícias dos entes queridos desencarnados e a produção literária de obras mediúnicas de qualidade muitas vezes duvidosa e repetitiva.

Na atualidade, a mediunidade encerrou-se em padrões de comportamentos estereotipados (de médiuns e dirigentes).

Equivocadamente, toma-se a capacidade mediúnica não mais como algo natural, mas como um atributo moral, uma missão (na linguagem espírita de cunho evangélico-religioso, um 'mediunato'), que deve irresistivelmente ser cumprida pelos médiuns, sob o risco do adoecimento físico ou mental e de retardar o progresso espiritual daquele que ostenta tal capacidade. Trata-se, em verdade, de uma visão profundamente equivocada, já que aquele que tem potencial mediúnico ostensivo (a mediunidade

dinâmica aqui já discutida), possui livre-arbítrio, podendo ou não fazer uso de sua mediunidade, sem que isso seja imperativo de seu destino ou de sua saúde física e mental.

Há os que atribuem à mediunidade a dimensão de um dom ou missão. Não conseguem compreender que se trata de uma capacidade natural, físico-mental-energética, que pode ou não ser exercida, desenvolvida e aprimorada. E que independe do status evolutivo e moral do médium. Ao contrário, a experiência no trato com o fenômeno indica que é possível encontrar médiuns com potenciais mediúnicos variáveis em distintas condições intelecto-morais.

Fenômenos mediúnicos de enorme relevância, exacerbados, podem ser produzidos por médiuns com pouco lastro ético-moral, que usam sua mediunidade para o mal ou para auferir ganhos financeiros e pessoais. O que de fato deve ser considerado é o seu uso, a destinação que se dá à capacidade mediúnica.

Não há médiuns do bem ou do mal. Nem todo médium de elevado status intelectual e moral goza de plenas capacidades mediúnicas. Simplesmente porque a mediunidade não é uma capacidade moral. O que se impõe é o sentido ético que à mediunidade

se atribui. Uns a utilizam para a prática do bem, para a produção do conhecimento, da solidariedade e do amor. Outros, ainda que tenham grande potencial mediúnico, podem utilizá-la para satisfação de suas necessidades materiais, como instrumento de poder, para produzir prejuízos para outras pessoas, abusando da boa-fé, da ignorância, das fragilidades psicológicas e da debilidade moral de muitos que buscam na mediunidade a tábua de salvação de seus problemas. Ser médium e exercer a mediunidade, portanto, não aporta obrigatoriamente maior ou menor moralidade, que está diretamente relacionada ao modo como é praticada.

Allan Kardec legou aos estudiosos, praticantes e interessados na mediunidade alguns procedimentos fundamentais, desenvolvidos a partir da experiência de anos de investigação em reuniões mediúnicas por ele dirigidas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE).

A primeira delas: **jamais se deixar levar pela identidade dos espíritos.**

Na prática mediúnica, de nada importa o nome de quem se manifesta ou a quem é atribuída uma comunicação. Espíritos zombeteiros, pseudos-sábios e obsessores lançam mão com frequência de nomes famosos para impressionar ou ludibriar interlocutores

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE)

A SPEE foi fundada em Paris, em 1 de janeiro de 1958, e é considerada a primeira instituição espírita. Dirigida por Kardec, que foi seu primeiro presidente, tinha por objetivo, de acordo com o primeiro artigo de seu Estatuto, o *"estudo de todos os fenômenos relativos às manifestações espíritas e suas aplicações às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas"*.

No capítulo XXX do *Livro dos Médiuns* consta o Regulamento da SPEE. Com isso, Kardec esperava *"facilitar a formação de sociedades aos que as queiram fundar, os quais aí encontrarão os dispositivos que lhes pareçam convenientes e aplicáveis às circunstâncias que lhes sejam peculiares. Embora já simplificada, essa organização ainda o poderá ser muito mais, quando se trate, não de sociedades regularmente constituídas, mas de simples reuniões íntimas, que apenas necessitam adotar medidas de ordem, de precaução e de regularidade nos trabalhos"*.

ansiosos, despreparados ou crédulos. Usam e abusam da identidade de personalidades que tiveram relevância na história, artistas, políticos, cientistas, filósofos ou religiosos. Esse risco está presente tanto nas evocações como nas comunicações espontâneas, em mensagens psicografadas, psicofônicas ou psicopictoriográficas. O exame crítico da comuni-

ção, feito de forma acurada, serena e responsável, pode facilmente descartar a identidade falsamente atribuída ao espírito comunicante, que muitas vezes se utiliza deste expediente para tomar como presa fácil a atenção dos incautos.

VOCÊ SABIA?

Psicopictoriografia ou pintura mediúnica é a faculdade pela qual um espírito, através do médium, se expressa por meio de desenhos ou a pintura de quadros com a utilização de técnicas diversas. Kardec, no *Livro dos Médiuns* (item 190) define médiuns pintores ou desenhistas como os que pintam ou desenham sob a influência dos Espíritos.



Um segundo equívoco frequente, comum aos iniciantes em reuniões mediúnicas, mas no qual também podem incorrer incautos que lidam há muito tempo com os fenômenos mediúnicos, é o de se deixar impactar pela **forma da comunicação**. Textos mediúnicos psicografados e comunicações verbais caracterizadas pelo uso de linguagem pomposa, erudita, eclética ou hermética, por vezes, são comunicações também produzidas pela mesma ordem de espíritos mencionados acima, com os mesmos objetivos.

Uma das providências mais importantes a ser adotada é a da submissão do conteúdo da comunicação (independentemente da identidade, de seu formato ou linguagem) ao crivo da razão, ao uso do 'bom senso', sem se deixar impressionar ou considerar a priori como verdadeiras por serem de autoria de uma pretensa autoridade ou por serem formuladas de forma literata, ilustrada ou culta.

Mesmo em grupos regularmente constituídos, com médiuns conhecidos e experientes, em que espíritos se comunicam habitualmente, não se deve abrir mão deste expediente. A postura crítica jamais pode ser abandonada ou tratada de forma secundária. Dirigentes das reuniões e todos aqueles que se apropriam de uma comunicação devem considerar essa postura crítica. Não se trata de uma desconfiança generalizada, a priori, mas da necessidade de instituir uma postura vigilante, crítico-analítica, permanente, a ser adotada no trato com a mediunidade.

Um terceiro aspecto que deve ser considerado diz respeito à **identidade dos médiuns**. Ainda que seja louvável a doação de tempo e energia para a atividade mediúnica, que a experiência permita ao longo do tempo diferenciar a postura e seriedade dos médiuns e que muitos se dediquem de forma

graciosa e desinteressada, é preciso destacar que **nem mesmo os mais conhecidos e venerados médiuns são infalíveis.**

Allan Kardec e os principais continuadores da doutrina espírita, por exemplo, raramente identificavam os médiuns com os quais desenvolviam suas investigações. Quando muito os nominava pelas iniciais de seus nomes, buscando na maioria das vezes preservar o sigilo em relação às suas identidades.

As médiuns mais importantes com quem Kardec labutou na produção do corpo doutrinário espírita sequer são reconhecidas publicamente. Eram jovens, adolescentes, mulheres e homens simples, que deram anonimamente suas valiosas contribuições.

A partir de meados do século 20, todavia, foi se consolidando cada vez mais a presença da figura do ‘médium superstar’, que de intermediário passou a assumir o papel de protagonista, de autor de best-sellers, considerados e seguidos como ‘espíritos-de-luz’, prescritores de condutas e verdades absolutas, lotando ginásios, bajulados e bajuladores de políticos e famosos, garantindo audiência em programas de rádio, TV e até no cinema, e vendas astronômicas de obras mediúnicas, como já dito, por vezes repetitivas e de qualidade duvidosa.

É preciso reconhecer, todavia, que foram muito exitosos na divulgação do espiritismo, em particular sua vertente evangélico-cristã, e a eles muito se deve a capilarização de conceitos e obras espíritas, como o *Evangelho Segundo o Espiritismo*, transformada equivocadamente na obra basilar da doutrina espírita, ou mesmo na 'bíblia dos espíritas', quando deveria ser tão somente um livro doutrinário de estudo e interpretação, sob a ótica espírita, dos ensinamentos morais de Jesus.

Em particular para as grandes massas, moralmente aflitas e impressionáveis com a espetacularização dos fenômenos mediúnicos, esses médiuns idolatrados terminam proporcionando a constituição de verdadeiros rebanhos de seguidores, idólatras dos médiuns e de seus espíritos-guias, pouco dispostos ao estudo do espiritismo, a autotransformação e ao aprimoramento da sociedade, já que tendem a reproduzir a relação conservadora dos movimentos religiosos de massa e assumem uma postura salvacionista-individual, numa espécie de 'darwinismo espiritual', contrapondo-se à perspectiva evolucionista na qual se funda a filosofia espírita.

Há ainda outra grave e preocupante distorção, presente inclusive nos centros espíritas ou grupos familiares, quando se delega a um médium o papel

de médium-principal, com ascendência para definir desde aspectos organizativos da instituição (quem será o próximo presidente, mudanças em reuniões, reformas prediais ou dos estatutos, etc.), até a direção dos destinos das pessoas, o diagnóstico de obsessão e outros males, bem como indicar o tratamento (ainda que o problema seja de base meramente orgânica), aspectos singulares dos indivíduos que acabam estabelecendo quase que uma relação obsessora com o médium dito principal.²⁵

Em todas as circunstâncias acima relatadas – na identidade do espírito famoso, do médium endeusado ou no formato rebuscado da comunicação –, no fundo o que se pretende, subliminarmente, é o argumento de autoridade, capaz de sustentar posições, ainda que absurdas e incapazes de serem encaradas frente aos ditames do exame da razão, como verdades que devem ser assumidas como absolutas e irrefutáveis. E é exatamente a isso que a mediunidade não deve se subordinar.

Essa é a perspectiva espírita laica e livre-pensadora, expressa, por exemplo, na Carta de Posicionamentos da CEPA Brasil:

"A CEPA não estimula a idolatria a médiuns ou a espíritos nem lhes atribui autoridade especial nem infalibilidade nas suas informações. A mediunidade

não é dom divino, graça, milagre, que torna privilegiados os seus portadores, sendo uma faculdade que todos possuem, em maior ou menor grau.”²⁶

Como tratado no capítulo 2, a observância da “Concordância Universal dos Ensinamentos dos Espíritos” é uma estratégia metodológica das mais importantes ao lidarmos com a mediunidade. Todavia, comunicações e obras mediúnicas produzidas em ‘voo solo’ continuam sendo equivocadamente assumidas como ‘revelações divinas’. Opiniões, relatos, experiências reportadas por espíritos, ainda que válidas como aportes singulares para a produção de conhecimento e que retratem a visão particular e específica de determinados espíritos, são tomadas com verdades absolutas, sem que se submeta o conteúdo das mensagens à análise crítica.

Assumem pretensão de universalidade, mas não estão abertas à crítica e à refutação. Sustentam-se por serem argumentos de autoridade. Avoca-se a necessidade de ter fé nas ideias que sustentam e assim, tornam-se dogmas cristalizados, revelação religiosa, e é justamente contra isto que o espiritismo laico e livre-pensador, coerente com os postulados de Allan Kardec, se insurge.

Tão relevantes quanto os riscos e problemas acima indicados são os que decorrem da não compreensão

das diferentes classes dos espíritos, tema já abordado no primeiro capítulo, que implica em limites para a capacidade de compreensão sobre o que pode ser tratado e aprofundando pelos espíritos.

Uma das coisas que se apreende no trato com os espíritos é que quanto maior o estágio de desenvolvimento intelecto-moral, mais cuidadosos costumam ser na abordagem sobre os temas tratados em reuniões mediúnicas. Em *Obras Póstumas*, Kardec nos alerta, a partir de sua experiência prática:

“Um dos primeiros resultados que colhi das minhas observações foi que os Espíritos, nada mais sendo do que as almas dos homens, não possuíam nem a plena sabedoria, nem a ciência integral; que o saber de que dispunham se circunscrevia ao grau, que haviam alcançado, de adiantamento, e que a opinião deles só tinha o valor de uma opinião pessoal. Reconhecida desde o princípio, esta verdade me preservou do grave escolho de crer na infalibilidade dos Espíritos e me impediu de formular teorias prematuras, tendo por base o que fora dito por um ou alguns deles”.²⁷ (p. 238)

Os espíritos, é bom salientar mais uma vez, nada mais são do que aqueles que deixaram a existência corpórea momentaneamente. Depois de ‘mortos’, não ficam mais sábios e nem capazes de responder todas as coisas. Quando podem re-

correr à reunião mediúnica e estão dispostos, abordam os temas de acordo com sua capacidade limitada de conhecimentos, seus preconceitos, sua visão de mundo. Daí que revelações ou respostas a problemas complexos são raramente obtidas em reuniões mediúnicas. Se podem e conseguem tratar de temas morais – e de fato muitas experiências e bons conselhos podem ser auferidos –, ao abordarem questões de ordem científica, filosófica ou outras que envolvem o futuro de cada um de nós ou de nossa sociedade podem apenas opinar em tese, aliás como um bom analista encarnado também poderia fazê-lo.

Isso não significa que de nada serve a mediunidade, mas tão somente que se deve ter muito claros os limites impostos pelo estágio evolutivo de cada ser desencarnado que se comunica conosco. Ademais, a reponsabilidade de produzir novos conhecimentos e construir o futuro – de cada um de nós e em termos societários – é tarefa indelegável dos encarnados, ainda que possamos nos inspirar e produzir valiosos e produtivos intercâmbios com a espiritualidade.

Vale destacar outro ponto muito polêmico: os médiuns videntes. Há grupos, com trajetória séria e responsável no trato com a mediunidade, que se

utilizam com frequência deste tipo de médiuns. Por vezes, os videntes assumem o papel de 'médium de controle', a eles sendo atribuída a responsabilidade de apoiar e por vezes até mesmo dirigir os trabalhos, dando a palavra final ou tendo peso decisivo sobre a análise do que está ocorrendo e da veracidade ou não das outras comunicações. Kardec já indicava, em *O Livro dos Médiuns*, os riscos a que se submetem reuniões que tomam por referência a vidência, já que se torna impossível para os dirigentes e demais participantes da reunião controlar as impressões só vistas e transmitidas pelo vidente. Portanto, há que se lidar com cuidados redobrados no trato com esse tipo de mediunidade, que requer os mesmos mecanismos de controle aqui destacados para outras modalidades mediúnicas.

Se você quer saber mais sobre médiuns videntes, leia O Livro dos Médiuns, capítulo XIV.

Que outras consequências todos esses riscos acima aventados podem trazer na condução cotidiana do fenômeno mediúnico? Por que se preocupar com questões desta natureza?

Ora, a não observância destes problemas no exercício e análise da mediunidade resulta na adoção de uma compreensão equivocada da mediunidade.

nidade e do próprio espiritismo. Passa-se a admitir uma origem e natureza 'divina' da doutrina espírita e a infalibilidade de médiuns e espíritos. As obras de Kardec e aquelas produzidas por médiuns e espíritos famosos são transformadas em 'textos sagrados'. A atualização de conhecimentos e do próprio corpo doutrinário espírita (algo imprescindível para qualquer ciência ou filosofia) passa a ser algo atribuído como responsabilidade exclusiva da 'espiritualidade superior', composta, é claro, por espíritos vinculados ou que sustentam as teses defendidas pelas organizações que detém hegemonicamente o poder no movimento espírita.

Os espíritas laicos e livres-pensadores não concordam com a submissão do movimento espírita a uma pretensa determinação da "espiritualidade superior" em transformá-lo numa doutrina evangélica, religiosa, com algum suporte na obra de Kardec, mas sem a racionalidade por ele proposta.²⁶

Allan Kardec, na visão dos 'conservadores da ordem vigente', é tratado como um mero secretário dos espíritos, ainda que por muitos reverenciado em uma função secundária de codificador, relegando-se a segundo plano o extraordinário papel deste que foi, sem dúvida, o fundador do espiritismo e que

lançou desde o início as bases para que o espiritismo pudesse se atualizar progressivamente, a fim de ofertar sua valiosa contribuição para o progresso da humanidade.

Ele não foi um mero “secretário” dos espíritos. Foi o sistematizador, autor, codificador e fundador do espiritismo; diminuir o seu papel e exaltar os mentores espirituais é manobra para excluir a possibilidade de falha. Caracterizando-o como coadjuvante menor, é possível divinizar e sacralizar a revelação espírita, tornando-a irretocável.²⁶

Ao largo disso, médiuns e espíritos são endeusados, constituindo relações de poder assimétricas. Nega-se, a partir daí, autoridade moral e intelectual aos encarnados para dar continuidade à obra de Kardec. Por vezes, assume-se a bandeira da ‘pureza doutrinária’, onde o que vale é nada mudar para tudo ficar como está, uma postura que produz uma visão estagnadora do espírito e da letra da obra de Kardec.

A mediunidade assume, assim, um caráter religioso e dogmático e passa a ser encarada como uma prática conservadora e mística, visão que se contrapõe categoricamente às posições defendidas pelos espíritas laicos e livres-pensadores, expressas, por exemplo, na Carta de Posicionamentos da CEPA

Brasil, conforme alguns itens destacados abaixo:

"6.3 – A CEPA tem reservas quanto à copiosa produção mediúnica do tipo "autoajuda", em detrimento de obras de cunho filosófico-científico sobre o espiritismo;

6.4 – A CEPA busca resgatar o papel da mediunidade na investigação e na comprovação da imortalidade, sob critérios científicos, e não apenas como instrumento de socorro a espíritos aflitos ou de cura para enfermidades psicossomáticas;

6.5 - A CEPA discorda de diretrizes artificialmente estabelecidas através de renomados médiuns e espíritos eleitos como porta-vozes divinos, da chamada "espiritualidade superior", cujas revelações estejam acima de qualquer suspeita e sem o necessário questionamento, articulados em defesa de ideias puramente moralistas de reforma íntima, do confessionalismo e do assistencialismo."

O termo misticismo pode ter vários significados. Da inclinação para acreditar em forças e entes sobrenaturais à crença de que o ser humano pode comunicar-se com a divindade ou receber dela sinais ou mensagens. Engloba, antes de mais nada, uma constelação de práticas distintas, discursos, textos, instituições, tradições e experiências que podem visar a transformação humana, mas que tendem a

ser um instrumento usado para manipular ilusões e justificar a força, a fraude ou a coerção necessárias para usurpar valores dos demais.

Cabe então questionar: a prática mediúnica espírita tem sido coerente com seus fundamentos? Não é incomum observar sincretismos nos quais a mediunidade se apresenta mesclada com práticas místicas, estranhas ao espiritismo: cartomancia, búzios, leitura das mãos, roupas, uniformes, adornos, velas, luzes, incensos, músicas, pirâmides, pedras e metais, imagens e cultos, orações e ladainhas, entre outras excentricidades. Como consequência disso, a mediunidade, os médiuns, os dirigentes e assistentes, as reuniões mediúnicas e até a disseminação das ideias espíritas viram presas fáceis do charlatanismo e do curandeirismo, da simplificação e da deturpação. A mediunidade volta a ser tratada no âmbito do sobrenatural, imperando relações de ocultamento da realidade, que resultam em relações de poder conservadoras e de dominação.

Ainda que o magnetismo anteceda e tenha influenciado largamente o espiritismo, e que os primeiros centros espíritas formados em todo o mundo tenham se originado dos círculos de magnetismo,²⁸ já que os adeptos desta prática terapêutica secular se somaram aos grupos espíritas nascentes,

deve-se compreender que o uso de passes, águas fluídicas e outras práticas de origem mesmerianas não se confundem com a mediunidade.¹⁹ Afinal, a essência do processo de comunicação mediúnica é a transmissão mente a mente de emoções, sentimentos e pensamentos, que se caracteriza pela vontade do médium em representar uma outra personalidade que não a sua, uma personalidade real, extra corporal.⁴

Segundo Wilson Garcia, estudioso das Teorias de Comunicação e profundo conhecedor do espiritismo, a comunicação é essencialmente troca de ideias, que pode vir acompanhada de sentimentos e emoções. As ideias são trocadas através de símbolos, como sinais, palavras etc. Sentimentos também podem ser comunicados, pois são passíveis de representação por símbolos, mas emoções não são passíveis de comunicação e sim de interpretação pelo sujeito decodificador ou interpretador.²⁹

Daí, portanto, a dimensão crítica que o espiritismo laico e livre-pensador dá a temas, apresentados pelos espíritas religiosos como questões menores, que deturpam a mediunidade. Alguns exemplos disto, e poderiam aqui ser citados vários outros: o mediunato, compreendido como 'missão divina' dos médiuns; a idolatria/fascinação aos mé-

diuns e espíritos; o uso da mediunidade como 'argumento de autoridade e de fé', com a adoção de ideias de forma acrítica e muitas vezes absurdas oriundas de obras mediúnicas que passam a ditar o que é verdade ou não; o deslumbramento dos participantes (médiuns ou não) com as atividades mediúnicas; o uso irracional da mediunidade de cura, por vezes substituindo ou contraindicando o tratamento convencional; a concessão de 'mandato divino' a dirigentes espíritas, apoiados na indicação de ordem mediúnica.

Note-se que, muitas vezes, tais posturas estão associadas à ênfase na caridade interesseira, preocupada com a prospecção do lugar futuro no mundo dos espíritos, o chamado 'plano espiritual', sustentadas na visão retrógrada de que os problemas de toda ordem se explicam por culpa e castigos oriundos de encarnações anteriores. Recorre-se à teoria do karma, da qual a visão espírita contemporânea de reencarnação nos liberta³⁰, e que tem como prescrição a ideia de que tudo se resolverá se o indivíduo operar a sua 'reforma íntima', desgarrada da perspectiva evolutiva que indica que somos nós mesmo os responsáveis pela nossa evolução individual e coletiva, por meio de vivências sucessivas, alavancadas pelas experiências e o aprendizado,

único caminho para o desenvolvimento intelectual-moral, individual e coletivo.

Espíritas laicos e livres-pensadores advogam que o espiritismo contempla a evolução natural da humanidade e que deve se libertar de concepções moralistas e conservadoras, fundadas em culpa, pecado, sofrimento e castigo, que permeiam o cristianismo. Para que não vire, como bem destacou J. Herculano Pires, *“uma doutrina de gigantes nas mãos de pigmeus”*.³¹

Pela lente do livre-pensar, o espiritismo deve produzir sujeitos autônomos, protagonistas de sua história, que busquem conhecimento e um estado de calma, amor, com esperança e responsabilidade no futuro.

É bom aqui lembrar Kardec. Para o mestre lionês, a doutrina espírita é, de ponta a ponta, um protesto contra o misticismo, pois que tende a reconduzir todas as crenças para o terreno positivo das leis da Natureza.³² Para ele, a religiosidade e o misticismo não eram entendidos com sentido positivo, já que a noção de espiritualidade utilizada dispensa os seus usos.

Na verdade, desta perspectiva pode-se afirmar que a mediunidade permite lançar um outro olhar

sobre a espiritualidade, que pode passar a ser compreendida como

*"(...) a convicção de que se está realizando um papel e um propósito inalienável na vida, que se traz consigo a responsabilidade de realizar o pleno potencial que se tem como ser humano e, ao fazê-lo, ser capaz de alcançar um sentido de paz, alegria ou transcendência."*³³

Claro que se trata aqui de uma espiritualidade naturalizada, como indica contemporaneamente Solomon (2003):

*"Um sentido não-religioso, não-institucional, não-teológico, não-baseado em escrituras, não-exclusivo da espiritualidade, um sentido que não seja farisaico, que não se baseie em crença, que não seja dogmático, que não seja anti-ciência, que não seja místico, que não seja acrítico, carola ou pervertido."*³⁴

Esta é uma visão em acordo com o pensamento dos espíritas laicos, kardecistas e livres-pensadores, vinculados à CEPA. Esta posição assumida não significa, é claro, o abandono da mediunidade, mas sim uma nova postura, crítica e racional – em acordo com os preceitos postulados por Kardec –, que permite a plena utilização dos diferentes potenciais da mediunidade, em que se valorize a investigação

e o intercâmbio entre o mundo material e espiritual para evidenciar a sobrevivência da alma e a evolução do espírito. Um jeito de lidar com a mediunidade na qual ela possa ser efetiva e prioritariamente utilizada como método de estudo, pesquisa, produção de conhecimento (e atualização do espiritismo).

Nesta lógica, compreende-se que se a mediunidade for adequadamente conduzida pode ser também um dispositivo potente de apoio a espíritos encarnados e desencarnados em situação de sofrimento psíquico/moral, pois há um potencial ainda a ser explorado em relação à saúde mental.

A mediunidade pode atuar, conjuntamente e de forma complementar, com os cuidados médicos convencionais, constituindo-se como destacada prática integrativa de saúde. Para tanto, será necessário romper com concepções e práticas inaceitáveis, fundamentadas no fatalismo e determinismo, na atribuição das doenças às faltas do passado, na mediunidade de cura como missão divina, no endeusamento de médiuns de cura e dos espíritos 'médicos' (como os ubíquos Dr. Bezerra de Menezes e Dr. Fritz, por exemplo).

Deve-se dar um basta no uso da chamada 'terapia psiquiátrica espírita' como meio de opressão,

que resulta em cronificação e práticas perversas e antidemocráticas, que aviltam a cidadania, como a reclusão em inaceitáveis manicômios ditos espíritas.³⁵ Urge romper com promessas de cura e exploração na mídia, a substituição ou interrupção de tratamento médico convencional, a utilização de objetos perfurantes/cortantes, a prescrição de drogas e medicamentos (inclusive plantas) sem autorização médica, a mercantilização do tratamento mediúnico e a inexistência de avaliação dos resultados das práticas de cura mediúnica.

Para além de todo o potencial mediúnico, cabe destacar, a guisa de conclusão deste capítulo, que a real contribuição do espiritismo para o homem e o mundo, como indicava Jaci Régis, não está na fenomenologia espírita, mas assenta-se na visão amplificada da vida que proporciona, na libertação para o espírito e na proposição de uma nova dimensão para a vida e a morte.³⁶

Afinal, a grande contribuição do espiritismo, na visão laica, humanista, kardecista, progressista e livre-pensadora, está em sua filosofia - para a qual a mediunidade teve e continuará a ter um papel imprescindível -, fundamentada na existência do espírito, na imortalidade da alma, nas vidas sucessivas, na evolução infinita e na educação para a 'morte'.

7 A MEDIUNIDADE NO SÉCULO XXI

Considerar a prática da mediunidade em pleno século XXI exige repensar como diversificar e potencializar seu uso. Isto deve e pode ser realizado retomando-se a busca de uma postura investigativa, crítica e analítica do conteúdo das comunicações, independente do médium, do espírito comunicante ou da forma da comunicação, considerando-se em essência o conteúdo da mensagem.

Outro desafio é o de desenvolver processos avaliativos periódicos do desempenho dos médiuns e dirigentes, algo que sempre foi secundarizado. Isso exigirá o desenvolvimento de novos métodos para avaliação de médiuns e dirigentes, a qualificação dos registros das reuniões, a elaboração de critérios mais

objetivos para seguimento, por exemplo, de espíritos obsessores ou sofredores atendidos em reuniões destinadas a este fim, bem como a utilização destes dados na geração de novos conhecimentos.

Entre os principais desafios apresenta-se a necessidade de empreender o estudo sistemático da mediunidade, do espiritismo e de outras disciplinas afins, como as ciências psicológicas, qualificando o potencial intelectual de médiuns e dirigentes de reuniões.

A ampliação e diversificação das atividades mediúnicas em muitas instituições espíritas que se dedicam à atividade mediúnica tem imposto uma certa 'especialização' de funções dos médiuns. Por exemplo, há quem acredite que só possui potencial para comunicações de espíritos familiares, enquanto outro apenas para obsessores, e que não teriam capacidade de servir como intermediários para espíritos que tratassem de temas de outra ordem, em reuniões instrutivas ou voltadas à pesquisa. Direcionar claramente a função de cada reunião específica e diversificar a atuação de médiuns e dirigentes, de forma que não haja uma especialização em determinado tipo de reunião ou seletividade ao padrão intelectual ou moral de determinadas faixas de espíritos, é extremamente importante.

Há várias décadas vêm sendo ofertados cursos de formação e desenvolvimento de médiuns. No Brasil, por exemplo, a partir do trabalho pioneiro do Centro Espírita Luz Eterna, de Curitiba, muitas instituições implementaram o Curso de Orientação e Estudo da Mediunidade – COEM³⁷ ou similares. Ressente-se, entretanto, até aqui, da realização de cursos de estudo da mediunidade, incluindo teoria e prática, voltados à formação de dirigentes de reuniões mediúnicas, buscando a qualificação e uniformização das práticas de coordenação e o desenvolvimento de processos sistematizados para condução dos trabalhos mediúnicos.

Aprofundar o estudo e ampliar o potencial para geração de novos conhecimentos por meio do método mediúnico, com resultados mais confiáveis, depende não apenas de médiuns mais seguros, mas também de dirigentes com mais capacidade de cumprir suas importantes tarefas na área mediúnica. Afinal, é preciso considerar que a atuação do médium é fortemente influenciada pelo grau de confiança em quem se utiliza do seu pensamento e nos dirigentes da reunião (encarnados e desencarnados).

Imprescindível é também reorientar a abordagem da mediunidade nos cursos básicos de espiritismo,

mocidades e infâncias espíritas, conferências e atividades públicas, apresentando de forma clara e consistente suas finalidades, riscos, limites e possibilidades.

Abre-se a possibilidade de estabelecimento de intercâmbio sistemático com outros grupos de pesquisas mediúnicas ao redor do mundo, facilitada pelo uso da internet e de bancos de dados compartilhados, devidamente protegidos e submetidos a regramento ético. Isto pode proporcionar acesso a investigadores e oportunizar de forma dinâmica e concreta a utilização da concordância universal dos ensinamentos dos espíritos, evidenciando homogeneidades e singularidades nos ensinamentos dos espíritos.

Claro que isso exigirá, ao seu modo, também muitas mudanças na postura e reestruturação das equipes espirituais que atuam nestas reuniões mediúnicas, com a constituição de grupos de pesquisas entre os desencarnados, de diferentes áreas de conhecimento, dispostos a serem pesquisados. A experiência demonstra, todavia, que as leis de afinidades tendem a agir nessas circunstâncias e que o “lado de lá” responderá consistentemente às provocações produzidas pelo “lado de cá” nesta relação de parceria.

Nas investigações mediúnicas, o uso da evocação, com antecedência para que os desencarnados possam também se preparar, pode ser efetuada para uma determinada entidade espiritual ou por temas. Deve ser preparada e antecedida por roteiros pré-elaborados pelos investigadores, com perguntas preparadas metodicamente. Este roteiro deve ser submetido a vários espíritos, em diferentes reuniões, por diferentes médiuns, e, sempre que possível, em diferentes grupos. Note-se que a formulação intelectual dos encarnados deve ser permanente.

Assim como a reencarnação tem sido objeto de investigação pelas universidades e centros de pesquisa, como as que foram desenvolvidas e lideradas por Ian Stevenson, da Universidade de Virgínia desde a década de 60 do século passado e que ainda são mantidas por outros pesquisadores contemporâneos, parece-nos fundamental que a mediunidade possa também ser elevada a objeto de pesquisa e investigação científica.

A partir das últimas duas décadas, o espiritismo passou a ser tomado como objeto de estudo em universidades e grupos de pesquisas de diversos países. Entretanto, ao contrário do que previram muitos dos seus líderes e adeptos, as investigações já

realizadas e as que estão em curso não se concentram no campo da pesquisa experimental. Tomam, em essência, o espiritismo como fato ou fenômeno social, como movimento social, por meio de estudos acadêmicos realizados nas mais diferentes áreas de conhecimento.^{38,39,40}

Espiritismo à Brasileira

A professora Sandra J. Stoll propõe uma revisão da narrativa histórica e da interpretação antropológica sobre os trajetos do espiritismo no Brasil. O livro discute como foram produzidas as feições assumidas por essa doutrina na França e no Brasil. Três personagens conduzem a narrativa - Allan Kardec, fundador da doutrina, abre a discussão do tema; os personagens principais, porém, são dois médiuns brasileiros, de renome internacional, Chico Xavier e Luiz Antonio Gasparetto, cujas estórias de vida marcam a produção de um 'modo brasileiro de ser espírita' que envereda em duas direções.

Segundo Stoll, Chico Xavier afastou-se do cientificismo da doutrina de Kardec ao se aproximar do catolicismo com seu "discurso das virtudes" e da noção de santidade cristã, uma das razões do sucesso do espiritismo no Brasil. Gasparetto, belo e extravagante, visto como dissidente, pintava quadros em sessões alucinadas nas quais incorporava Picasso, Monet e Toulouse-Lautrec, entre outros, e pregava a teoria da prosperidade.⁴¹



Essas pesquisas vêm sendo realizadas, fundamentalmente, por grupos e linhas de pesquisa vinculadas aos Programas de Pós-Graduação da área de Humanidades, com diversificada e profícua produção de dissertações de mestrado, teses de doutorado, artigos e livros científicos, além de vasta produção disponível na internet. São desenvolvidas por acadêmicos que possuem ou não vínculo com o espiritismo, mas que o elegeram como um de seus objetos de investigação, em diversas disciplinas do campo das ciências humanas, tais como: ciências

Veja como exemplo de produção científica na área de Ciências Humanas o artigo produzido pelo Prof Dr. Luiz Signates, estudioso do espiritismo, vinculado à CEPA e ao Programa de Ciências da Religião da Universidade Federal de Goiás e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, publicado na revista Caminhos.

A mediunidade, da profecia ao rito: a transformação da espiritualidade no espiritismo kardecista:⁴²

Resumo: O espiritismo brasileiro, em meados do século 20, passou por uma silenciosa, mas importante transformação no sentido que



Luiz Signates

emprestava à noção de mediunidade, como elemento primordial da realização do espiritual dentro de seu sistema de crenças. Neste trabalho, especificamos três modalidades de espiritualidade, percebidas a partir do modo como, em cada época, os espíritas trataram da mediunidade, devido ao crescente processo de institucionalização do espiritismo: o não rito, o rito de contato e o rito de separação.

Palavras-chaves: Espiritismo. Mediunidade. Ritualização. Espiritualidade.

sociais, ciências políticas, antropologia, sociologia, educação, psicologia, filosofia, história, comunicação e semiótica, ciências da religião e teologia.

Há iniciativas, ainda tímidas no campo da ciência experimental, como as lideradas por pesquisadores brasileiros e norte-americanos, que procuram evidenciar as alterações no funcionamento cerebral de psicógrafos experientes por meio do uso de equipamentos de neuroimagens.⁴³ Ou as que vêm sendo empreendidas pelo Núcleo de Pesquisa em Espiritualidade e Saúde - NUPES, da Universidade Federal de Juiz de Fora, lideradas por Alexander Moreira Almeida, com diversos livros e artigos publicados em revistas conceituadas.⁴⁴

Para tanto será necessário tratar a mediunidade – ou seja, a comunicação de um espírito que viveu anteriormente na Terra por meio de um médium, que lhe serve como intermediário – não como um princípio de fé, mas como um postulado científico, aberto à crítica e refutação, tomando-se em consideração todas as hipóteses explicativas, até que reste a mediunidade como evidência científica e capacidade de melhor e de forma mais consistente explicar os fenômenos. Algo que somente acontecerá com a mudança do modo como o movimento espírita em todo o mundo concebe e pratica a mediunidade.

Pesquisa do transe mediúnico com neuroimagens

Pesquisadores vinculados à Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade de São Paulo, Universidade Federal de Goiás e Universidade da Pensilvânia realizaram investigação nos EUA com dez médiuns psicógrafos, monitorados por equipamentos de alta tecnologia durante o transe mediúnico e quando produziam textos fora do transe. Os resultados indicaram diferenças substantivas nos dois estados. Em transe mediúnico as imagens indicavam menor irrigação sanguínea e atividade cerebral, ainda que fora do transe os textos gerados pudessem ser mais complexos, compatível com a hipótese de que os médiuns não seriam atores dos textos psicografados. Sugeriu também semelhanças na atividade cerebral dos médiuns em transe, que gozam de boa saúde mental, com a de pacientes esquizofrênicos, sugerindo a necessidade de aprofundamento das investigações.

Leia o artigo completo em: Peres JF, Moreira-Almeida A, Caixeta L, Leao F, Newberg A (2012) Neuroimaging during Trance State: A Contribution to the Study of Dissociation. PLoS ONE 7(11): e49360.

<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0049360>

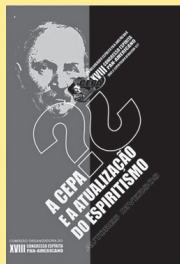
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante décadas a prática da mediunidade desenvolveu-se à margem do método proposto por Kardec, recebendo um direcionamento hegemonicamente voltado à assistência espiritual, com o abandono de seu potencial para a pesquisa e a produção de conhecimentos. Retomar esta perspectiva epistemológica, sem abandonar outros potenciais consagrados da prática mediúnica, impõe-se como o grande desafio para a mediunidade na contemporaneidade.

Por outro lado, a incorporação de novos conceitos ou a atualização do corpo doutrinário espírita não pode se amparar somente na autoridade moral do médium e/ou do espírito comunicante, aceitos como verdades absolutas, prescindindo do método e rigor científico.

Leia mais sobre as ideias da “CEPA e a atualização do espiritismo” em:⁴⁵

Neste livro você encontrará alguns dos trabalhos apresentados no XVIII CONGRESSO ESPÍRITA PAN-AMERICANO, realizado em Porto Alegre, de 11 a 15 de outubro de 2000, pelos seguintes autores, em ordem alfabética: Ademar Arthur C. dos Reis, Alejandro Martin Ruiz Díaz, Dante López, Dinorá Fraga da Silva, Jaci Régis, Jon Aizpúrua, Krishnamurti de Carvalho Dias, Luiz Signates, Mauro de Mesquita Spínola, Milton Rubens Medran Moreira, Reinaldo Di Lucia, Sandra Jacqueline Stoll, Wilson Garcia, Yolanda Polimeni de A. Pinheiro e Salomão Jacob Benchaya (organizador).



Disponível em: <http://www.cepabrasil.org.br/portal/loja-virtual/livros/a-cepta-e-a-atualiza%C3%A7%C3%A3o-do-espiritismo-detail>

Buscar aprofundar o conhecimento do próprio processo de comunicação mediúnic, educando e orientando médiuns e dirigentes para uma nova forma de se relacionar com este processo e com os próprios espíritos desencarnados, é um dos desafios que se impõe.

Alguns mitos deverão ser derrubados para que a mediunidade volte a ser encarada e explorada como meio de pesquisa, nos moldes utilizados por Kardec e seus continuadores. A validação das informações obtidas através da mediunidade deve se submeter à bases metodológicas firmes, à análise crítica e ao controle e concordância universal dos ensinamentos, tal qual proposto por Allan Kardec.

É importante reconhecer a importante contribuição dos espíritos na estruturação da obra kardequiana, mas o espiritismo não foi entregue pronto e acabado, e o próprio Kardec enfatizou que a obra se tratava de elaboração humana, tendo afirmado também que não havia dito a última palavra sobre o espiritismo.

Ainda que se valorize tudo, o conhecimento adquirido ao longo de mais de 160 anos de desenvolvimento do espiritismo – e é mesmo muito necessário resgatar, estudar e aprofundar a compreensão sobre o corpo doutrinário espírita -, a tarefa de manter o caráter dinâmico e atual do espiritismo é fundamentalmente de cada um dos estudiosos comprometidos com o espiritismo. Afinal, como apontou Leon Denis: “O Espiritismo será no futuro o que dele os espíritas fizerem”.⁴⁶

Assim sendo, é fundamental uma mudança de postura e de atitude quanto a forma e a destinação que tem sido dada à mediunidade, rompendo “com os esquemas mentais criados e estratificados através da repetição e vivência nos ciclos reencarnatórios, sedimentados no Espírito. Romper com essas estruturas é indispensável para qualquer renovação positiva e real”.²⁶

Allan Kardec e sua magistral obra sobre mediunidade – em particular *O Livro dos Médiuns* – continua sendo referência obrigatória (e segura) para qualquer pessoa, pesquisador ou não, que irá se envolver com estudos da mediunidade e a prática da comunicação com os espíritos.

INDICAÇÕES DE LEITURAS DE INTERESSE

- No invisível, de León Denis
- Estudos sobre a reencarnação e a mediunidade, de Gustavo Geley
- Mediunidade (vida e comunicação), de Herculano Pires

INDICAÇÕES DE SITES DE INTERESSE

<https://cepainternacional.org/site/pt/>

<https://kardecpedia.com/>

<http://www.cpdocepirita.com.br/portal/>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. **Kardec, Allan.** *O Livro dos Médiuns*, trad. J. H. Pires, ed. LAKE, 23ª, São Paulo, 2004. / *El Libro de los Médiuns*. Caracas: Ediciones CIMA, 1994.
2. **Pires, José Herculano.** *Mediunidade (vida e comunicação): Conceituação da mediunidade e Análise Geral dos seus Problemas Atuais*. São Paulo: Edicel, 1980.
3. **Geley, Gustavo.** *Estudios sobre la reencarnación y la mediunidad*. Caracas: Ediciones CIMA, 1994.
4. **Reis, Ademar Arthur Chioro dos.** *Mecanismos da mediunidade: Processo de comunicação mediúnic*. Santos: CPDoc, 2006.
5. **Doyle, Arthur Conan.** *História do Espiritismo*. São Paulo: Editora Pensamento, s/d.
6. **Kardec, Allan.** *El Libro de los Espíritus*. Caracas: Ediciones CIMA, 1998.
7. **Bozzano, Ernesto.** *Comunicações Mediúnicas entre Vivos*. www.espiritualidades.com.br. [Online] 1927. [Citado em: 10 de novembro de 2019.] <http://www.espiritualidades.com.br/>

Artigos/B_autores/BOZZANO_Ernesto_Obras/BOZZANO_Ernesto_tit_Comunicacoes_Mediunicas_entre_Vivos.pdf.

8. —. *Animismo ou Espiritismo*. www.espiritualidades.com.br. [Online] 1938. [Citado em: 18 de novembro de 2019.] http://www.espiritualidades.com.br - Artigos/B_autores - BOZZANO_Ernesto_tit_Animismo_ou_Espiritismo.
9. **Aksakof, Alexander**. *Animismo e Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
10. **Aizpúrua, Jon**. *Fundamentos del Espiritismo*. Caracas: Ediciones CIMA, 2000.
11. **Wantuil, Zeus**. *As Mesas Girantes e o Espiritismo*. 2ª. edição. Rio de Janeiro: FEB, 1978.
12. **Kardec, Allan**. *Livro dos Médiuns*. Primeira Edição. Paris. Kardecpedia. [Online] Didier Libraries, 1861. [Citado em: 22 de julho de 2019.] <https://kardecpedia.com/obra/48>.
13. **Figueiredo, Paulo Henrique**. *Autonomia: a história jamais contada do Espiritismo*. São Paulo: Fundação Espírita Nadré Luiz, 2019.
14. **Kardec, Allan**. *O Livro dos Médiuns*. 2ª. Ed. Paris: Didier Libraries. Kardecpedia. [Online] 1862. [Citado em: 02 de julho de 2019.] <https://kardecpedia.com/obra/48>.
15. —. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. Kardecpedia. [Online] novembro de 1861. [Citado em: 15 de maio de 2019.] <https://kardecpedia.com/obra/16>. <https://kardecpedia.com/obra/4>.
16. —. *A Gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. São Paulo: FEAL, 2018. p. 71.

17. **Miranda, Hermínio C.** *Diálogo com as Sombras*. Teoria e prática da doutrinação. Rio de Janeiro: FEB, 1983, p. 15
18. **Figueiredo, Paulo Henrique.** *Mesmer- A Ciência Negada do Magnetismo animal*. 5ª. edição. São Paulo: FEAL, 2019.
19. **Reis, Ademar Arthur Chioro dos.** *Magnetismo, Vitalismo e o Pensamento de Kardec*. Santos: CPDoc, 2005.
20. **Drubich, Raul H.** *Curaciones Energéticas*. Rafaela (Argentina): s.n., 2008.
21. **Kardec, Allan.** *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. Kardecpedia. [Online] Magnetismo e Espiritismo, março de 1858. [Citado em: 21 de agosto de 2019.]
<https://kardecpedia.com/obra/4>.
22. **Pires, José Herculano.** *Arigó: Vida, Mediumnidad y Martirio*. Buenos Aires: Fundación Espírita Humanista Allan Kardec, 2013.
23. —. *Obsesión, pase espírita y adoctrinamiento*. [ed.] Disponível em: <https://cursoespirita.com/la-obsesion-el-pase-y-el-adoctrinamiento/>. São Paulo: Paideia, 1979.
24. —. *Curso Dinámico de Espiritismo: el gran desconocido*. http://www.luzespiritual.org/?page_id=19. São Paulo: Paideia, 1979.
25. **Spínola, Mauro de Mesquita.** *Centro Espírita: uma revisão estrutural*. Santos: CPDoc, 1997.
26. **CEPABrasil.** *Carta de Posicionamento da CepaBrasil*. <https://www.cepabrasil.org.br/portal/>. [Online] 2009. [Citado em 17 de agosto de 2019.] <https://www.cepabrasil.org.br/portal/quem-somos/manifestos/cartas/485-carta-de-posicionamentos-da-cepabrasil>.

27. Kardec, Allan. *Obras Póstumas*. [ed.] Disponível em <https://kardecpedia.com/obra/47>. Rio de Janeiro: FEB, s/d.
28. Lantier, Jacques. *O Espiritismo*. Lisboa: Edições 70, 1971.
29. Garcia, Wilson. *Os espíritos falam. Você ouve?* Para uma Teoria da Comunicação humana mediúnica. Capivari: CPDoc; EME., 2014.
30. Reis, Ademar Arthur Chioro e Nunes, Ricardo de Moraes (org.). *Perspectivas Contemporâneas da Reencarnação*. Santos: Editora CPDoc-CEPABrasil, 2016.
31. *Jornal Mensagem*. Pires, José Herculano. setembro, 1975.
32. Kardec, Allan. *Comentários sobre os messias do Espiritismo*. Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos. São Paulo: Edicel, 1868, Vol. março.
33. Breitbart, W. *Espiritualidade e sentido nos cuidados paliativos*. O Mundo da Saúde. 2003, Vol. 27(1), pp. 45-57.
34. Solomon, R. C. *Espiritualidade para céticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
35. CEPABrasil. *Manifesto da CEPABrasil sobre Saúde Mental*. [Online] 2009. [Citado em: 19 de outubro de 2019.] <https://www.cepabrasil.org.br/portal/novos-eventos/691-manifesto-sobre-saude-mental-do-forum-em-guarulhos>.
36. Regis, Jaci. *Novo Pensar - Deus, Homem e Mundo*. Santos: ICKS edições, 2009.
37. Centro Espírita Luz Eterna. *COEM – Centro de Orientação e Educação Mediúnica. Manual de Aplicação*. Curitiba: CELE, 1978.

38. Santos, José Luiz. *Espiritismo: uma religião brasileira*. Campinas: Editora Átomo, 2004.
39. Silva, Fábio Luiz. *Espiritismo: história e poder (1938-1949)*. Londrina: Eduel, 2005.
40. Fernandes, Magali O. *Chico Xavier: um herói brasileiro no universo da edição popular*. São Paulo: Annablume, 2008.
41. Stoll, Sandra J. *Espiritismo à brasileira*. São Paulo: Edusp, 2003.
42. Signates, Luiz. *A mediunidade, da profecia ao rito: a transformação da espiritualidade no espiritismo kardecista*. Caminhos. jan./jun. de 2019, Vol. 17, 1, pp. 123-141.
43. Peres JF, Moreira-Almeida A, Caixeta L, Leao F, Newberg A. *Neuroimaging during Trance State: A Contribution to the Study of Dissociation*. PLoS ONE., 2012, Vol. 7(11): e49360.
44. Saúde, NUPES - Núcleo de Pesquisa em Espiritualidade em Saúde. NUPES. [Online] Universidade Federal de Juiz de Fora. [Citado em: 19 de novembro de 2019.] <https://www.ufjf.br/nupes/>.
45. Benchaya, SJ (organizador). *A CEPA e a atualização do Espiritismo*. Porto Alegre: CCEPA, 2001.
46. Denis, Léon. *No invisível*. Rio de Janeiro: Editora FEB, 1987.

SOBRE OS AUTORES

Ademar Arthur Chioro dos Reis

Médico sanitарista e professor universitário. Possui mestrado em Saúde Coletiva (Unicamp) e doutorado em Ciências da Saúde (Unifesp). É professor adjunto do Departamento de Medicina Preventiva e orientador permanente do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Escola Paulista de Medicina - Universidade Federal de São Paulo. É também professor de Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina da Universidade Metropolitana de Santos e da Faculdade de Fisioterapia da Universidade Santa Cecília.

Foi secretário municipal de saúde de São Vicente e de São Bernardo do Campo. Ocupou cargo de diretor de Atenção Especializada e foi Ministro de Estado da Saúde do Brasil.

Orador e dirigente espírita, é vinculado ao Centro Espírita Allan Kardec (Santos-SP) e ao CPDoc – Centro de Pesquisas e Documentação Espírita. É assessor



especial da presidência da CEPA – Associação Espírita Internacional, do qual já foi vice-presidente.

Autor dos livros: *"Magnetismo, Vitalismo e o Pensamento de Kardec"*, *"Mecanismos da Mediunidade – O Processo da Comunicação Mediúnica"* e organizador e co-autor do livro *"Perspectivas Contemporâneas da Reencarnação"*, publicados pela Editora CPDoc. É também co-autor de *"A CEPA e a Atualização do Espiritismo"* e um dos organizadores da *"Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI"*.

Yolanda Clavijo Blas

Administradora, Presidenta da Caja de Ahorro de la Junta de Beneficencia Pública (sector salud), presidenta de la Asociación Nacional de Cajas de Ahorro de Venezuela.

Especialista em assessoria cooperativa, associações de poupança e liderança, corredata da Ley de Cajas de Ahorro.

Presidenta da Asociación Civil Villa Ahorro Country Club (Desenvolvimento habitacional dos trabalhadores da saúde).

Vice-presidenta da Fundação Amigos de Ernesto (Hospitalidade e proteção a meninos, meninas e adolescentes com câncer).

Conferencista, Diretora do Movimento de Cultura Espírita CIMA Seccional Caracas, Diretora da *Revista Evolución*.

Assessora especial da CEPA – Associação Espírita Internacional.



Sobre o Livro

Formato: 11,5 cm x 16 cm

Tipologia: Segoe UI - 11/14

COLEÇÃO LIVRE-PENSAR: ESPIRITISMO PARA O SÉCULO XXI

Série 1 – Temas Fundamentais

Livro 1 - O espiritismo na perspectiva laica e livre-pensadora

Livro 2 - A imortalidade da alma

Livro 3 - Mediunidade: intercâmbio entre dois mundos

Livro 4 - Reflexões sobre a ideia de Deus

Livro 5 - Reencarnação: um revolucionário paradigma existencial

Livro 6 - A evolução dos espíritos, da matéria e dos mundos

Livro 7 - Espiritismo, ética e moral

Livro 8 - Allan Kardec: o fundador do espiritismo

